



atos

do conselho geral

ano LXXII — julho-setembro, 1991

n. 337

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 337
ano LXXII
julho-setembro
1991

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Egidio Viganó Nova educação 3
------------------------	---

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. Juan Vecchi A ancianidade: uma idade a ser valorizada 40
	2.2 P. Luciano Odorico Os candidatos às Missões Salesianas 49

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	3.1 P. Juan Vecchi CI 92 - Instruções 54
-------------------------	---

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor 59
	4.2 Crônica dos Conselheiros 59

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 O sesquicentenário da ordenação de S. João Bosco 73
	5.2 Bispos Salesianos 77
	5.3 Irmãos Falecidos 78

Tradução:

P. Ervino Martinuz

(revista)

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO

Rua Dom Bosco, 441

03105 - São Paulo - SP

Fone: (011) 277-3211

Telex: (011) 32431/ESPS BR

Fax: (011) 279-0329

NOVA EDUCAÇÃO

Introdução: emergência do fato educativo - Urgência de uma "nova educação" - A interpelação dos jovens - Distinção entre "educação" e "evangelização", enquanto tais - Antes educar e depois evangelizar? - A escolha de Dom Bosco e o exemplo de sua prática - Educar evangelizando - Relendo o "Sistema Preventivo": a criatividade do artista; solidários com os jovens; com o olhar fixo no Homem novo; para uma obra de prevenção; unindo num único feixe de luz "razão" e "religião"; com atenção criativa voltada para o tempo livre; em direção ao realismo da vida - Santificar-se educando - Estimulados pela maternidade eclesial de Maria.

Roma, Solenidade de Pentecostes,
19 de maio de 1991

Queridos irmãos,

pude verificar, nas várias Inspetorias que visitei nestes meses, que se trabalha com interesse para pôr em prática as orientações e as diretrizes do Capítulo Geral. Trata-se de encarnar operacionalmente as riquezas acumuladas na Congregação em todos os anos do pós-concílio.

É uma tarefa que, para nós, faz parte daquela "nova evangelização", exigida pelos tempos, para a qual nos convidam insistentemente o Papa, os Bispos e o CG23.

Os próprios jovens pedem, de vários modos, serem iluminados e acompanhados no difícil caminho de suas vidas. Os pais e tantos responsáveis civis e eclesiais dirigem-se aos membros da Família de Dom Bosco como a peritos em educação.

Também vários irmãos me pediram ultimamente para apresentar algumas reflexões sobre a modalidade educativa de nossa missão.

Percebe-se hoje uma emergência do “educar”, quer na sociedade civil, quer na Igreja. Levantam-se, outrossim, objeções às quais é conveniente dar uma resposta.

Em longa conversa com um ministro de Fidel Castro, em Havana, ouvia impressionado sua afirmação sobre a “juventude da revolução”: a imoralidade e a falta de mística entre os jovens constitui uma das preocupações mais sérias do regime.

Num outro contexto, em Praga, em encontro com o vice-primeiro ministro do atual governo, ouvia avaliar a situação eclesial assim: a Igreja foi obrigada a viver durante 40 anos num canto, e agora se não sair em campo aberto não poderá influir sobre uma juventude desligada da paróquia e de outras instituições eclesiais, totalmente ignara do Evangelho, desviada por uma ideologia atéia e crescida com uma mentalidade carente de ética pessoal.

Em quase todas as sociedades, atualmente, a educação já não é considerada uma atividade orientada à formação do cristão; seu ambiente cultural é laicista ou de antigas religiões.

A Igreja com o Concílio Vaticano II tomou conhecimento do fim - se assim se pode dizer - de uma época de “cristandade” para propor uma outra modalidade de relacionamento com o mundo; fala, por isso, de nova evangelização e de repensamento pastoral. Tudo isso, pois, atinge profundamente o âmbito da educação.

Se olharmos, em particular, os numerosos povos de outras religiões, encontraremos modelos pedagógicos diferenciados, permeados por uma concreta religiosidade com específicos valores positivos, mas que têm em comum o fato - não indiferente para nós - de não levar em conta, em sua antropologia, o mistério de Cristo e, portanto, não possui uma visão integral do homem e um conjunto de mediações concretas e misteriosamente eficazes que concorrem para o pleno crescimento da pessoa.

A objeção que está por baixo e que procede de variadas e complexas situações é que a educação da juventude, tão fundamental e indispensável em toda sociedade, não só não

está de fato vinculada à evangelização mas vem sendo separada, porque considera um setor cultural com um campo de desenvolvimento autônomo.

Esta emergência do fato educativo está em relação sobretudo com a afirmação da *centralidade do homem no cosmo e na história*: uma importante “*guinada antropológica*”.

Refere-se ao homem em si mesmo, em sua subjetividade aberta a mil possibilidades. É uma das expressões daquele grande sinal dos tempos que se chama “processo de personalização”.

Nasce pois uma problemática inédita que atinge diretamente e põe em discussão o significado e as modalidades da nossa ação educativa. O CG23 convida-nos a saber assumir os valores apresentados pelos sinais dos tempos, discernindo-os à luz da fé. Penetrando, portanto, na atual guinada antropológica, é preciso evitar com clareza de cair no antropocentrismo redutivo que o caracteriza culturalmente.

Nas reflexões que seguirem não pretendemos aprofundar os vastos aspectos do atual fenômeno educativo, estudado pelas ciências do homem. Nem é possível um exame das múltiplas exigências das situações concretas e das diferenças culturais. Para nós, aqui, interessa refletir sobre o problema da mútua relação de nossa atividade educativa com a evangelização. O esclarecimento que vier, exigirá ulteriores esforços de discernimento e de estudo. Terá, de fato, uma sua modalidade de aplicação nas sociedades secularizadas; outra nos povos que lutam no difícil processo de libertação; outra ainda nas culturas ligadas às grandes religiões do Oriente; etc.

A reflexão sobre a mútua relação entre amadurecimento humano e crescimento cristão deve ser considerada para nós básica e indispensável em todas as situações. De sua correta interpretação depende a justa e eficaz aplicação de nossas próprias Constituições (art. 31 a 43).

Portanto: guinada antropológica, sim; mas tendo no vértice Cristo, o Homem novo.

Urgência de uma “nova evangelização”

Na carta “*Juvenum patris*”, João Paulo II afirmava que “S. João Bosco é atual... porque ensina a integrar os valores permanentes da Tradição com as ‘novas soluções’, para enfrentar criativamente as instâncias e os problemas emergentes: nestes nossos tempos difíceis ele continua a ser mestre, propondo uma *Nova Educação* que é a um tempo criativa e fiel”.¹

E no discurso aos Capitulares (1º de maio de 1990) exortou-nos neste sentido: “Escolheste bem: a educação dos jovens é *uma das grandes instâncias da nova evangelização*”.²

Justamente o CG23 lembrou que as pessoas e a sociedade estão sendo transformadas por uma cultura emergente,³ e isto comporta necessariamente uma “nova educação”: de fato, a educação é o setor fundamental da cultura.

Por isso eu mesmo afirmava, no discurso de encerramento do Capítulo, que “a formação dos jovens na fé” apresenta hoje tantos aspectos peculiares ao ponto de exigir uma “*nova educação*”.⁴

Vivemos um tempo de mudanças e somos convidados, como discípulos de Cristo, *a fermentar a atual cultura com uma fé viva*. Isto requer atento discernimento, capacidade de perceber em profundidade os problemas colocados por esta mudança em ato.

Olhemos rapidamente os principais aspectos que emergem dos tempo: secularização e progresso das ciências e da técnica; democratização e desenvolvimento do sentido social; libertação e busca da justiça; personalização e consciência da dignidade de cada pessoa; promoção da mulher e valorização da feminilidade; protagonismo e co-responsabilidade numa

¹ *Juvenum patris* 13.

² CG23 332.

³ Cf. CG23 4.

⁴ Cf. CG23 348.

sociedade cada vez mais complexa; hierarquia dos valores e pluralismo de opiniões; educação à “cidadania” e presença formativa de muitas agências paralelas e discordantes; veiculação de novos temas geradores: paz, ecologia, solidariedade, direitos humanos, etc. É um vasto âmbito de horizontes em expansão, ricos de valores e, de fato, também de não valores, que influenciam profundamente na maneira de pensar e de agir e que atingem as modalidades de vida das pessoas, das famílias e das instituições sociais.

Infelizmente, à primeira vista, pareceriam mais fortes os desvalores. O sofisticado sistema da comunicação, com ênfase mais para o que é agradável e efêmero do que para o que é importante e verdadeiro, traz o perigo de estimular o culto às aparências, afastando da interioridade e dos verdadeiros ideais. Na cabeça e no coração das pessoas, sobretudo jovens, há perigo não imaginário de que penetre cada vez mais forte a pressão do materialismo e do edonismo com tantas mensagens subliminares veiculadas pelos *mass media*. Os ritmos psicológicos do tempo privilegiam o presente, em contraste ou sem muita memória do passado e com impaciente pressa de futuro. O devir empurra: avança velozmente. É preciso ter consciência disso.

A emergência do fato educativo traz consigo ao menos dois tipos de novidades que incidem sobre o nosso trabalho. Por um lado, os valores positivos dos sinais dos tempos: representam um verdadeiro crescimento, em humanidade. Afirmam a centralidade do homem, sublinhando a subjetividade (a autoconsciência, a liberdade, o protagonismo). O jovem apresenta-se, deste ponto de vista, como o primeiro autor de seu crescimento enquanto é pessoa consciente e livre, e portanto capaz não só de assimilar e receber, mas também de criar e modificar, formando-se convicções e idéias próprias.

Por outro lado, porém, esta guinada antropológica é hoje pensada e apresentada como uma realidade que não tem necessidade de ser relacionada com Cristo, porque o homem

teria em si mesmo (prescindindo do mistério do Verbo encarnado) todas as razões de sua dignidade e todas as capacidades para dar sentido à história.

Esta dupla novidade (valores positivos e prescindência de Cristo), que na atualidade incide fortemente no fato educativo, interpela-nos diretamente, exigindo de nós uma “nova educação”.

A nossa *missão de evangelização* passa através da escolha educativa: arriscamos perder nossa identidade se não evangelizarmos “*educando*”. É urgente sermos peritos no conhecimento dos novos valores culturais para promovê-los superando com sabedoria a tragédia da separação entre Evangelho e cultura, restabelecendo uma ligação válida e ampla entre fato educativo e fato pastoral. A insistência do Papa para uma “nova evangelização” significa dedicarmos a compreender e aprofundar a atual mudança antropológica: assumir os valores do crescimento humano e do processo de personalização, à luz de uma centralidade do homem que só é verdadeira e integral se relacionada objetivamente ao acontecimento histórico de Cristo.⁵

Neste sentido falamos de “nova educação”. Sem ela nós não participaremos validamente da “nova evangelização”.

A interpelação dos jovens

O CG23 apresentou-nos uma visão sintética da situação da juventude hoje,⁶ suas atitudes diante da fé,⁷ e os desafios mais urgentes que nos interpelam.⁸

“Mas há um desafio - afirma o Capítulo - que é síntese e matriz de todos os outros e atravessa todos: o desafio da ‘vida’”.⁹

⁵ Cf. Const. 31.

⁶ Cf. CG23 45-63.

⁷ Cf. CG23 64-74.

⁸ Cf. CG23 75-88.

⁹ CG23 87.

Esse desafio global não interessa só este ou aquele aspecto da vida, porque são as bases profundas do viver pessoal (e coletivo) que não são consideradas ou são mutiladas e rebaixadas; porque são esquecidos ou desviados os valores formativos básicos. O desafio da vida exige *uma clara busca de sentido e de identidade* para a recompreensão dos próprios fundamentos do ser e do agir humano.

O Capítulo concentrou a atenção sobre três objetivos qualificadores: a formação da consciência pessoal até o ponto alto de sua dimensão religiosa;¹⁰ a autenticidade do amor como máxima expressão humana nas relações interpessoais;¹¹ a dimensão social da pessoa para uma cultura de solidariedade.¹² Ou seja, convida-nos a promover o processo de personalização, considerando os jovens como verdadeiros autores de sua formação.

É portanto mais do que evidente que a “nova educação” não pode ser reduzida a simples método de instrução, de erudição e de doutrinação, ou unicamente ao saber científico-técnico, mas deve ter como objetivo o crescimento e o amadurecimento da pessoa nos critérios de juízo, no sentido ético da vida, nos horizontes da transcendência, nos modelos de comportamento concreto, juntamente com uma positiva avaliação do progresso das ciências e das técnicas para uma humanização da convivência social.

Na cultura atual fala-se muito da chegada de um “homem novo”; existe um conjunto de expressões culturais que testemunham uma não indiferente originalidade. Mas se observarmos as indicações concretas que estão assumindo essas novidades, percebemos que estão carentes de uma visão superior e facilmente levam ao subjetivismo. A aceleração das mudanças faz intuir, juntamente com a superação de um determinado modelo cultural do cidadão de ontem, que o “homem novo” desta cultura necessita de valores que ul-

¹⁰ Cf. CG23 182-191.

¹¹ Cf. CG23 192-202.

¹² Cf. CG23 203-314.

trapassem o bem-estar, uma visão antropocêntrica e eficientista, a indefinida capacidade criativa da liberdade do indivíduo para assegurar as fontes inspiradoras de uma mais genuína personalidade humana. A fé nos faz descobrir que as mudanças em curso e a transcendência da pessoa exigem a presença de Cristo, sua condição histórica de único verdadeiro “Homem novo”.

Compreende-se neste contexto a atualidade daquilo que muitas vezes repete o Santo Padre: “O homem é o caminho da Igreja. Seu único objetivo tem sido *o cuidado e responsabilidade pelo homem*, a ela confiado pelo próprio Cristo, por *este homem* que é a *única criatura que Deus tinha querido por si mesma* e para a qual Deus tem o seu projeto. Não se trata do homem ‘abstrato’, mas do homem real, ‘concreto’ e ‘histórico’: trata-se de *cada homem*, porque cada um foi incluído no mistério da redenção e Cristo uniu-se com cada um para sempre, mediante este mistério”.¹³

É evidente, pois, para nós a urgência de entrar na guinada antropológica com a mesma preocupação pastoral com a qual a Igreja voltou-se para o homem no Concílio Ecumênico Vaticano II.

“Não devemos partir - observa o card. Ballestrero - da idéia que o homem é como é, mas do princípio que o homem deve ser como Deus o fez. Este princípio é importantíssimo... Eu acredito no homem não porque o conheça em seu dia-a-dia, em sua caminhada cotidiana, em seus caprichos, em suas fantasias, em suas revoltas. Quando vejo uma pessoa, digo para mim mesmo: este, apesar de tudo, é criatura de Deus, e isto sustenta em mim a confiança nele... A irremediabilidade de ser criatura de Deus devo-a valorizar no plano educativo. Diria que a educação torna-se uma arte, porque a aplicação deste princípio está unida ao respeito da identidade histórica de cada um”.¹⁴

¹³ *Centesimus annus* 53.

¹⁴ A. BALLESTRERO, *Dio, l'uomo e la preghiera*, SEI, Torino, 1991, p. 14-15.

O “desafio da vida” obriga-nos a individualizar as áreas de intervenção e procurar e traçar novos caminhos, redefinindo com atualidade os grandes critérios do nosso empenho educativo.

Distinção entre “educação” e “evangelização”, enquanto tais

Hoje, portanto, procura-se apresentar o fato educativo, preferivelmente, de maneira laicista.

Por outro lado, quem não viu mais de um salesiano “professor” se esquecer que é evangelizador ou, ao contrário, algum outro que, ensinando “catequese, liturgia e religião”, deixa de lado as oportunas dimensões pedagógicas, porque não preparado nas ciências e técnicas da educação e, portanto, incapaz de responder às interpelações culturais?

Infelizmente, o perigo da separação entre tarefa cultural e compromisso pastoral - também entre nós - não é imaginário.

“Educar” e “evangelizar” são duas ações, de per si, diferentes, que se podem separar. Mas a unidade mesma da pessoa do jovem requer que não sejam separadas. Nem basta uma simples justaposição, como se fosse normal ignorarem-se mutuamente.

É interessante, aqui, esclarecer a específica distinção entre estes dois pólos.

Certamente a intencionalidade da “ação educativa” distingue-se, em si mesma, da “ação evangelizadora”. Cada uma possui finalidade própria e caminhos e conteúdos peculiares. Devemos saber distingui-las, não para separá-las, mas para uni-las harmoniosamente numa complementaridade orgânica.

- *A educação*, em si mesma enquanto atividade educante, situa-se no âmbito da cultura e faz parte das realidades terrestres; refere-se ao processo de assimilação de um conjunto de valores humanos em evolução, com uma meta

específica. Neste sentido pode-se falar também de uma sua “laicidade”, vistos os conteúdos criaturais universalmente aceitáveis por todos os homens de boa vontade. Lembremos, a esse respeito, o que meditamos na circular sobre a “nova evangelização” a respeito da necessidade de conhecer e aprofundar hoje a “teologia da criação”.¹⁵

A atividade educativa tem uma sua intrínseca legitimação que não deve ser instrumentalizada, nem manipulada. Sua intencionalidade é a de promover o homem, ou seja, de fazer o jovem aprender a “profissão de ser pessoa”. Trata-se de um processo que se realiza com uma longa e gradual caminhada de crescimento. Mais do que impor normas, preocupa-se para tornar mais responsável a liberdade, e desenvolver os dinamismos da pessoa, fazendo referência à sua consciência, à autenticidade de seu amor, à sua dimensão social. É um verdadeiro processo de personalização a ser desenvolvido em cada um.

A atividade educativa comporta dois pressupostos a serem atentamente considerados. O primeiro refere-se, pois, à sua natureza de “processo”, ou seja, àquele longo itinerário de crescimento que leva necessariamente consigo uma justa e calibrada gradualidade. O segundo lembra-nos que a educação não pode ser reduzida a simples metodologia. A atividade educativa está vitalmente unida à evolução do sujeito. *É uma espécie de paternidade e maternidade*, uma como co-geração humana para o desenvolvimento de valores fundamentais, quais a consciência, a verdade, a liberdade, o amor, o trabalho, a justiça, a solidariedade, a participação, a dignidade da vida, o bem comum, os direitos da pessoa. É por isso preocupa-se também para que seja evitado o que é desvio e degradação, idolatria (riquezas, poder, sexo), marginalização, violência, egoísmo, etc. Dedicar-se a fazer crescer o jovem a partir de seu interior para que se torne homem responsável e se comporte como honesto cidadão.

¹⁵ Cf. AGG 331, outubro-dezembro de 1989, p. 14-15.

Educar quer dizer, portanto, participar com amor paterno e materno no crescimento do indivíduo enquanto se cuida também, para esta finalidade, a colaboração com os outros: a relação educativa, de fato, supõe várias agências coletivas.

- *A evangelização*, no entanto - em seu conceito mais amplo -, tem como sua finalidade transmitir e cultivar a fé cristã; pertence à ordem daqueles acontecimentos de salvação que nascem da presença de Deus na história; dedica-se a torná-los conhecidos e a comunicá-los e a fazê-los viver na liturgia e no testemunho. Não se identifica simplesmente com normas éticas, porque é revelação transcendente; não parte da natureza ou da cultura, mas de Deus e de seu Cristo.

Ultrapassando embora o contexto das realidades terrestres, ela visa objetivamente a se encarnar nas pessoas e nas culturas; é uma atividade própria da ordem da encarnação; apóia-se sobre a presença viva do Espírito Santo; comporta algo que está além do humano; refere-se, afinal, ao próprio mistério do Verbo feito homem; é consciente de que, neste mistério, Cristo não se apresentou como alternativa, mas como assunção, promoção e salvação de toda a realidade humana. Deve-se notar, pois, que o ponto de referência último da evangelização não é formado por um conjunto de valores, mas por uma Pessoa viva, Cristo, alfa e ômega do universo.

A intencionalidade da ação educativa não é simplesmente a de uma instrução religiosa sobre determinadas verdades cristãs; ela consiste propriamente na formação do “fiel”, ou seja de uma pessoa que vive a fé em Cristo e que se compromete com Ele nos problemas da vida. Assim a atividade evangelizadora não é só “anúncio”, mas comporta também “testemunho”, dedicação (também aqui) paterna e materna, serviço gradual e adaptado, que exige sensibilidade educativa, fundamentada numa perspectiva entropológica; uma ação, pois, em si mesma aberta e voltada para a educação. Assim a Igreja, “perita em humanidade”, torna-se também “perita em educação”, porque tudo nela está voltado para o crescimento do homem.

As duas ações, portanto, são em si distintas, mas ambas trabalham sobre a unidade orgânica da pessoa do jovem: são duas maneiras complementares de se preocupar com o homem; nascem de fontes diferentes, mas se unem com a intenção de “gerar” o homem novo; são feitas para colaborar em plenitude no crescimento unitário do jovem.

Não esqueçamos uma consideração que vai mais além. Entre educação e evangelização existe, por sua própria natureza, um nexo orgânico mais profundo. O Papa sublinhou isso na famosa encíclica “Redemptor hominis”. Descobre esse nexo relacionando o mistério da criação com o da redenção. A redenção - afirma o Papa - é uma *criação renovada*.¹⁶

O Verbo não se encarnou numa natureza estranha a Deus, mas na “imagem” de si mesmo projetada no homem criado. O Verbo, portanto, não se encarnou para acrescentar parciais valores novos, mas para purificar, aperfeiçoar e elevar os valores humanos da criação (*mirabilius reformasti!*). Cristo é o “segundo Adão”, o “Homem novo”; Ele é mais “homem” do que todos, exatamente porque é Deus. Não é alternativa - como dizíamos - , mas plenitude: é o Senhor da história. O Concílio afirmou isto claramente: “Na realidade, somente no mistério do Verbo encarnado encontra verdadeira luz o mistério do homem. Adão, de fato, o primeiro homem, era figura do homem futuro - Rm 5,14 - , isto é, do Senhor Jesus. Cristo, que é o novo Adão, revelando o mistério do Pai e de seu amor, *mostra também plenamente o homem ao homem* e lhe indica sua altíssima vocação”.¹⁷

A fé é feita para viver no homem; e o homem é feito para viver de fé: fé e vida são o binômio do futuro. “Uma fé que se colocasse à margem daquilo que é cultura, seria uma fé que não espelha a plenitude daquilo que a Palavra de Deus manifesta e revela; seria uma fé decapitada; pior ainda, uma fé em processo de auto-destruição”.¹⁸

¹⁶ *Redemptor hominis* 8.

¹⁷ *Gaudium et spes* 22.

¹⁸ JOÃO PAULO II, *Constituição apostólica sobre as universidades católicas*: ECE 44.

Quando o CG23 fala de “educar os jovens na fé” não entende, certamente, promover uma forma antropocêntrica qualquer de educação.

A expressão do Capítulo “educar na fé” significa propriamente “educar *evangelizando*”. O verbo “educar”, portanto, não é algo *a se*; seu significado relaciona-se com a palavra “fé”. Se o verbo “educar” estivesse desligado, indicaria só um compromisso de dimensão cultural; a expressão capitular, ao invés, quer significar *um compromisso de dimensão pastoral*: dizer “educar”, em sua compreensão só cultural, não é, pois, o mesmo que dizer “educar na fé”, no sentido capitular.

Para incidir na realidade viva do indivíduo devemos fazer penetrar com reciprocidade de influência as contribuições da educação e as riquezas da evangelização, em mútua circularidade, sem que se confundam conceitualmente um com o outro, e fazê-los convergir harmonicamente na atividade pedagógico-pastoral dirigida à unidade da pessoa que cresce.

Em conclusão, *o verdadeiro fim último do homem novo é um só*. E a ele tendem operativamente as duas preocupações: trata-se de levar a sério a história.

Antes educar e depois evangelizar?

Supondo embora uma mútua reciprocidade entre educação e evangelização, podemos-nos ainda perguntar se, em nosso trabalho, devemos começar por uma ou por outra.

Na realidade a pergunta é artificial; o Capítulo exige simultaneamente a interação das duas.

Poderíamos lembrar que existem algumas realidades que vêm antes da atividade educativa: primeiramente o jovem, assim como é, na integridade orgânica de sua pessoa e do sentido total de sua vida: “Imitando a paciência de Deus - afirmam as Constituições -, encontramos os jovens no ponto em que se acha sua liberdade”.¹⁹

¹⁹ Const. 38.

Há, depois, a contribuição dos atuais valores da cultura emergente com seu contexto essencial, que exige sentido crítico e inteligência criativa.

Por fim, outra realidade, que deverá necessariamente anteceder, é a habilidade pedagógico-pastoral do educador, movido por uma forte espiritualidade pedagógica: é aqui que está o verdadeiro segredo da inseparabilidade dos dois pólos.

Aceitas estas premissas, devemos nos convencer de que a educação deve ser evangelicamente inspirada desde o início; e que a evangelização requer já desde o primeiro momento ser oportunamente adaptada à condição evolutiva dos jovens. A educação encontra seu significado integral e uma razão de força a mais na mensagem do Evangelho; e a evangelização está toda orientada para o homem vivo e encontra sua eficácia nos aspectos pedagógicos.

Desde sempre, pois, o Evangelho, que por si transcende a evolução humana, encarnou-se nas diferentes culturas, assumindo os valores, purificando-as e aperfeiçoando-as com a apresentação de horizontes mais amplos, influenciando também nas diferentes modalidades de suas expressões (arte, literatura, ciência, direito, política, economia, etc.).

Há necessidade hoje de confrontar a promoção do homem com as riquezas do mistério de Cristo.

Assim, a prática educativa sugerida pelo Capítulo se apresenta simultaneamente como uma participação e uma continuação, seja da obra redentora do Pai, seja daquela redentora do Filho.

É verdade que numa mudança tão profunda como aquela que vivemos às vésperas do terceiro milênio, a evangelização não conta mais - como no passado - com um contexto social de religiosidade cristã. Mas exatamente por isso deverá ouvir os sinais dos tempos, considerar com atenção profética os pressupostos da resposta humana a Deus e utilizar os recursos naturais e culturais, que apresentam uma abertura à trans-

condição *pessoal* (busca de religiosidade), à transcendência *social* (busca da solidariedade), à transcendência *de sentido da existência* (busca de valores), à transcendência *de espiritualidade* (busca profunda, ainda que nem sempre explícita do mistério de Cristo).

Intui-se aqui a inseparabilidade, a recíproca atenção e a necessidade de mútua e simultânea interação dos dois pólos.

A escolha de Dom Bosco e o exemplo de sua prática

Um elemento que ilumina para nós o significado da expressão capitular “educar os jovens na fé” é pensar que o nosso Fundador foi suscitado por Deus para os jovens, como *destinatários privilegiados* de sua atividade evangelizadora; exatamente por isso ele escolheu, como campo de atuação, o da educação. Colocou assim sua missão apostólica na área da cultura humana. Traduziu sua ardente caridade pastoral em concretas modalidades de atuação educativa, tornando-se “pai, mestre e amigo” dos jovens.

Ele deu, com sua original experiência, uma contribuição própria à prática educativa; infundiu uma alma de permanente validade; sentiu a exigência de dar ordem e organicidade às intervenções pedagógicas; empenhou-se por uma concreta renovação da sociedade a partir de uma renovação e global empenho formativo entre a juventude das classes populares. Sua prática pedagógica apresenta-se como uma intervenção operacional convergente, em vários níveis: culturalmente, movendo-se entre tradição e modernidade; socialmente, mediando entre sociedade civil e clara pertença celestial; pedagogicamente, unindo instrução, treinamento educativo e evangelização; metodologicamente, intervindo ao mesmo tempo sobre os indivíduos, os grupos, as massas. Divisões muito rígidas não se adaptavam à sua prática viva.

Aqui nos interessa, em particular, uma reflexão sobre a harmônica integração e o mútuo relacionamento entre educação e evangelização.

A prática educativa é uma “arte”; e é realizada por um “artista”. Na Arte e no artista não se separam os distintos aspectos que intervêm na ação, mas se unem numa energia de síntese viva que sabe fazer convergir harmonicamente as contribuições dos vários aspectos na expressividade da obra que produz.

Evidentemente no fato educativo não se trata de esculpir em pedaço de mármore, mas de saber acompanhar um sujeito livre ao longo do processo de crescimento. O conceito de “arte” aplicado à educação deve ser interpretado analogicamente, como na ordem espiritual e ascética, onde é descrito como “arte das artes”.

Em anatomia distingue-se e separa-se; nas ciências a ótica da distinção fundamenta a identidade e a autonomia de cada uma das disciplinas. Na vida, no entanto, prevalece a organicidade que une múltiplas diferenças; e assim na arte triunfa a genialidade de quem sabe concentrar mais aspectos enriquecedores na elaboração da obra-prima.

Não só o trabalho educativo é uma arte; mas também a atividade evangelizadora, em seu intrínseco impulso de inculturação, comporta de fato também uma dimensão de arte, embora suponha vitalmente a intervenção direta do Espírito do Senhor que transcende, em si, toda metodologia humana. Ela, de fato, é uma atividade que não prescinde de uma colaboração humana; por isso Cristo enviou os Apóstolos às diferentes culturas e povos: “ide pois e fazei de todos os povos discípulos, ensinando-os a observar tudo o que vos mandei”.²⁰

A prática pedagógica de Dom Bosco une inseparavelmente entre si educação e evangelização, não de qualquer maneira, mas com uma peculiar compenetração harmônica. A obra-prima à qual chega é “o honesto cidadão” *porque* bom cristão.

²⁰ Mt 28,19-20.

Para poder descobrir o segredo da compenetração entre os dois pólos, devemos *penetrar no interior da personalidade do "artista"* para procurar compreender em que tenha consistido sua habilidade.

Depois do CG21 já fizemos uma reflexão sobre este tema, tão vital para nós, na circular "o projeto educativo salesiano" do mês de agosto de 1978.²¹ Agora retomamos o assunto, convencidos que o CG23 nos impulsiona para uma sua melhor realização.

O nosso compromisso educativo é ao mesmo tempo pedagógico e pastoral: a nossa pastoral respira e age na área educativa; e a nossa atividade educacional abre-se com constante e competente inteligência ao Evangelho de Cristo.

Dom Bosco excluiu sempre, em sua atividade pedagógico-pastoral, toda separação entre os dois pólos. O CG21 afirmou claramente que nós "somos conscientes de que educação e evangelização são atividades distintas em sua ordem. São porém estritamente ligadas no plano prático da vida".²²

Qual é, pois, a característica pedagógico-pastoral de Dom Bosco? Insere-se na inesgotável tradição cristã que sempre, mas sobretudo a partir do humanismo, encontrou na educação a via mestra da pastoral juvenil: não se pode separar Dom Bosco desta tradição da Igreja. Ele, porém, certamente agiu com estilo próprio, deixando-o a nós em herança como componente concreto de seu carisma.

As Constituições falam da herança do "Sistema Preventivo" em dois artigos - 20 e 38 - colocados em distintos níveis ainda que, evidentemente, complementares: o primeiro é expressão do "espírito salesiano" que permeia toda a pessoa do educador; o segundo indica o "critério metodológico" de nossa missão para acompanhar os jovens no delicado processo de crescimento de sua humanidade na fé.

Podemos afirmar que estes dois artigos nos revelam o segredo que procuramos. No santuário mais íntimo da per-

²¹ ACS 290, julho-dezembro de 1978.

²² CG21 14.

sonalidade de Dom Bosco, como seu primeiro e fecundo dinamismo inspirador, encontra-se “a *caridade pastoral*” (o “da mihi animas” vivido segundo a índole própria original e inconfundível do Oratório de Valdocco); ela é o “centro e a síntese” do espírito salesiano.²³ E na perspicácia e praticidade criativa de Dom Bosco, visando a ação, encontramos também a “*inteligência pedagógica*” que encarna sua caridade pastoral na área cultural da educação, com todas as exigências próprias de uma adequada pedagogia.

A “*caridade pastoral*” *impulsiona e anima* continuamente em direção à meta; a “*inteligência pedagógica*” *orienta o método*, na escolha das áreas, na elaboração dos itinerários e na prática diária. “Entre ‘impulso pastoral’ e ‘método pedagógico’ - escrevia na circular de 1978 - pode-se perceber uma delicada distinção útil para a reflexão e o estudo de aspectos setoriais, mas seria ilusório e perigoso esquecer a íntima ligação que os une tão radicalmente entre si a ponto de tornar impossível a separação. Querer separar o método pedagógico de Dom Bosco da sua alma pastoral seria destruir a ambos”.²⁴

A possibilidade de afirmar que a arte educativa de Dom Bosco comporta em sua pessoa a união profunda entre “caridade pastoral” e “inteligência pedagógica”, é assegurar para nós a clareza e as prioridades dos compromissos a serem assumidos para realizar as deliberações capitulares e, em particular, para indicar-nos o que pressupõe em nós uma “nova educação”.

Mas continuemos em nossa reflexão.

Educar evangelizando

Em nossos discernimentos pós-conciliares expressamos a escolha de Dom Bosco com a frase: “*evangelizar educando e educar evangelizando*”.²⁵ É uma fórmula que considero feliz e muito expressiva. Todavia pede ser bem entendida, para

²³ Cf. Const. 10.

²⁴ ACS 290, p. 12.

²⁵ Cf. CGE 274-341; CG 21 80-104.

não alimentar aspectos separatistas que exaltam um aspecto e esquecem de fato o outro, ou que reduzem um a outro, sem dar importância à dinâmica que há entre os dois e seu recíproco relacionamento.

Se falta este estudo, corre-se o risco de cair em modalidades de naturalismo (deixando de lado a ação interior da graça e da intervenção do Espírito Santo), ou cai-se no sobrenaturalismo (esquecendo o trabalho humano e a necessária competência pedagógica que requer a arte de educar na fé).

E aqui é bom lembrar uma consideração da Exortação apostólica “*Catechesi tradendae*”, onde se convida a refletir sobre a pedagogia original da fé:

“Dentre as numerosas e prestigiosas ciências humanas - escreveu o Papa -, nas quais se manifesta em nossos dias um imenso progresso, a pedagogia é certamente uma das mais importantes. As conquistas de outras ciências - biologia, psicologia, sociologia - oferecem-lhe elementos preciosos. A ciência da educação e a arte de ensinar são objeto de contínuos estudos, para se conseguir uma melhor adaptação e uma melhor eficácia, com resultados também diversos.

Ora há também uma pedagogia da fé, e nunca será demais o que se disser a respeito de que uma tal pedagogia pode contribuir para a catequese. É normal, com efeito, - que se adaptem em benefício da educação na fé as técnicas aperfeiçoadas e comprovadas da educação em geral. No entanto, importa ter em conta em cada momento a originalidade própria da fé”.²⁶

Penso que esta citação de João Paulo II seja sem dúvida útil para iluminar a nossa prática pastoral e pedagógica e que nos deve acompanhar na releitura de algumas exigências do “Sistema Preventivo”.

Vimos que a educação nunca pode ser estática, porque é chamada a se adequar continuamente às mudanças, seja do

²⁶ *Catechesi tradendae* 58.

sujeito, seja da cultura. Ela deve poder oferecer à evangelização uma leitura existencial dos valores humanos a serem permeados; aprofundar a natureza específica desejada pelo Criador com consistência e finalidade próprias; fazer perceber o sentido realista da gradualidade do caminho e ajudar na programação dos itinerários. Deve saber assumir uma postura crítica positiva em relação a certas modalidades de evangelização que podem pecar por ingenuidade e abstração; saber estimular, na programação pastoral, uma indispensável consciência pedagógica para nunca prescindir da fundamental positividade dos valores humanos, ainda que feridos pelo pecado.

Mas “*educar*” evangelizando significa sobretudo nunca esquecer a unidade substancial da pessoa do jovem. A atividade educativa deverá, portanto, manter-se inteligentemente aberta a quem lhe indica com clareza e objetividade a finalidade suprema da vida humana e ser fundamentada sobre uma antropologia que não exclua o acontecimento histórico de Cristo.

Sabemos, além disso, que *a atividade evangelizadora* está endereçada à formação do fiel, ou seja, a cuidar da fé deste homem redimido por Cristo, na consciência que a revelação “não é propriamente maturação humana ou resposta de explicação a uma situação problemática; é, ao invés, iniciativa de Deus, dom, interpelação, vocação, pergunta. O Evangelho, antes mesmo de responder, interroga”.²⁷

O evangelizador não pode renunciar a ser, antes de tudo, “profeta” da Palavra de Deus. Porém o Evangelho deve ser inculturado; nunca existiu abstratamente; a Palavra de Deus é chuva que fecunda a terra; a fé não existe como algo separado do mais; o fiel é um ser vivo que inclui na “profissão de ser pessoa”, como dimensão-vértice de sua existência, o de relacionar-se com o irmão Cristo, novo Adão.

Hoje insiste-se em promover o crescimento de uma fé ativa caracterizada pela dimensão social da caridade para o

²⁷ ACS 290, p. 35.

advento de uma cultura da solidariedade; cuida-se consolidar, em cada um dos crentes, a comunhão e participação eclesial com particular interesse pela Igreja local e uma convicta adesão ao ministério de Pedro; prioriza-se o envolvimento ativo do laicato privilegiando os jovens para que sejam verdadeiramente “protagonistas da evangelização e artífices da renovação social”;²⁸ estimula-se o aumento da sensibilidade em direção aos últimos (pobres, marginalizados, migrantes e mais necessitados em geral); e alimenta-se um maior conhecimento e co-responsabilidade na ação missionária. São todos aspectos que injetam na pastoral uma vivíssima urgência de encarnação concreta na atual condição humana; em outras palavras, trata-se de saber “*evangelizar educando*”.

A *atividade educativa*, por sua vez, encontra no Evangelho uma ajuda formativa para o amadurecimento da liberdade e da responsabilidade, um apoio na busca de identidade e de sentido, um guia sábio para a formação da consciência, um modelo sublime para a autenticidade do amor, um horizonte mais claro e empenhativo para a dimensão social da pessoa, uma mais vasta modalidade de intervenção e de serviço no comum caminho para o Reino.

A dignidade da pessoa é elevada, na interação com a fé, ao vértice de seu caráter creatural de “imagem de Deus” com um destino transcendente que dá novo impulso a todos os direitos humanos.

Além disso, o educador, no próprio processo de crescimento da pessoa, torna mais consciente a atividade pastoral; aliás, poder-se-ia dizer que a “educa” a oferecer oportunamente ao crescimento pessoal “um suplemento de alma”. Assim as específicas contribuições da evangelização (escuta da Palavra de Deus, oração e liturgia, partilha da comunhão eclesial, participação ativa nos compromissos da caridade) podem ser vividos, sem serem desviados, também

²⁸ *Christifideles laici* 46.

como “mediações educativas” que estimulam, promovem e sustentam autêntico crescimento da pessoa.

A experiência pedagógica de Dom Bosco, que lhe mereceu o título de “Educator princeps”, demonstrou na prática que tantos elementos eclesiais da fé (frequência aos sacramentos, devoção a Nossa Senhora, compromisso apostólico), além de serem meios para viver cristãmente, são também mediações grandemente educativas, que podem levar a “saborear” as riquezas da liberdade e da responsabilidade. Eles respondem magnificamente à busca de sentido e de identidade que ajudam a desvendar os verdadeiros valores no emaranhado do pluralismo.

A preocupação evangelizadora de Dom Bosco, nos escreveu o Papa, “não se reduz à só catequese, ou à só liturgia, ou à aqueles atos religiosos que pedem um explícito exercício da fé e a ela conduzem, mas atinge todo o vasto setor da condição juvenil. *Situa-se, pois, no interior do processo de formação humana*, consciente das falhas, mas também otimista em relação ao progressivo amadurecimento, na convicção de que a palavra do Evangelho deve ser semeada na realidade do viver cotidiano para levar os jovens a se comprometerem generosamente na vida. Por viverem eles uma idade peculiar em sua educação, a mensagem salvífica do Evangelho deverá sustentá-los ao longo do processo educativo, *e a fé tornar-se elemento unificador e iluminador de sua personalidade*”.²⁹

O nosso Fundador estava convencido de que a educação do “honesto cidadão” está alicerçada na formação do “bom cristão”; aliás, afirmava que “só a religião (ou seja, a fé cristã) é capaz de iniciar e completar a grande obra de uma verdadeira educação”.³⁰

“Sem dúvida sua mensagem pedagógica - escreveu-nos o Papa - requer ainda ser aprofundada, adaptada, renovada com inteligência e coragem, por causa das mudanças dos

²⁹ *Iuvenum patris* 15.

³⁰ MB 3, 605; cf. 7, 762.

contextos sócio-culturais, eclesiais e pastorais... Todavia o essencial de seu ensinamento permanece, as peculiaridades de seu espírito, suas intuições, seu estilo, seu carisma não desaparecem, porque inspirados na transcendente pedagogia de Deus”³¹.

Relendo o “Sistema Preventivo”

O CG23 é, em sua totalidade, um insistente convite para aprofundar os critérios pedagógico-pastorais do “Sistema Preventivo”, concentrando a atenção sobre alguns elementos fundamentais na busca daquilo que deverá ser para nós a “nova evangelização”. O Papa lembrou-nos que o trabalho de Dom Bosco “representa, em certo sentido, o resumo de sua sabedoria e constitui aquela mensagem profética, que ele deixou aos seus e a toda a Igreja”³².

Educação e evangelização interagem, no “Sistema Preventivo”, em íntima e harmoniosa reciprocidade. A explicação encontramos-na na intuição de que o trabalho de Dom Bosco é uma “*arte pedagógico-pastoral*”. Ele traduziu a ardente caridade do seu ministério sacerdotal num projeto concreto de educação dos jovens na fé.

A arte, como dizíamos, necessita atingir diretamente a realidade objetiva para incidir sobre ela na busca de sentido, de beleza, de sublimação. É uma forma de atividade do homem genial; exalta seu talento criativo e a expressividade; por ela o artista modifica também a si mesmo enquanto realiza seu trabalho. O que o leva a agir assim é um fogo interior, uma inspiração ideal, uma paixão de seu coração, iluminado pelo toque da genialidade. Com justiça João Paulo II chamou Dom Bosco-Educador “gênio do coração”.

Vimos que este fogo interior chama-se “caridade pastoral”: um amor apostólico marcado pela predileção aos jovens;

³¹ *Iuvenum patris* 13.

³² *Iuvenum patris* 8.

um amor que estimula a “inteligência pedagógica” a se traduzir concretamente em itinerários educativos.

Deste estímulo interior e desta intuição pedagógica nasceu o “Sistema Preventivo”. Não se trata de uma fórmula estática e quase mágica, mas de um conjunto de condições que habilitam à paternidade e maternidade educativa. Vejamos algumas das mais significativas, alicerçadas na fidelidade ao Fundador, cujo carisma é por natureza permanente e dinâmico, portanto em crescimento vital. Na verdade um dos importantes princípios-orientações de Dom Bosco diz: “É preciso conhecer os nossos tempos e adaptar-nos a eles”.³³

Hoje estamos envolvidos na guinada antropológica, mas não nos afogemos num antropocentrismo empobrecedor.

a) *A criatividade do “artista”*. A tarefa de “educar evangelizando” supõe em quem a realiza uma condição básica absolutamente indispensável. Percebemo-la claramente em Dom Bosco: ela é ao mesmo tempo “impulso pastoral” e “inteligência pedagógica”, intimamente interligadas pela “graça de unidade”. Trata-se de uma espécie de paixão apostólica, uma genialidade pastoral, visando a fé dos jovens. O atual clima de secularização, em que também o desenvolvimento das ciências da educação segue mais de uma vez o itinerário minado por infiltrações ideológicas, é uma provocação para a nossa consagração apostólica.

Como na arte, têm extraordinária importância os princípios metodológicos; a inteligência pedagógica é chamada a dar um tom especial, a imprimir uma fisionomia própria à caridade pastoral. Em Dom Bosco o princípio metodológico básico para a ação do “artista” da educação foi “a amabilidade”: construir os alicerces da confiança e da amizade mediante a exigente ascese do “fazer-se amar”. O “Sistema Preventivo” comporta “*a mística da caridade pastoral e a “ascese” da amabilidade.*”

³³ MB 16, 416.

Disso nasce aquele sentido de “paternidade espiritual” que, embora se dirija a muitos, preocupa-se de cada um com interesse e orientação pessoais em clima de família.

O Capítulo lembra-nos que esta *caridade pedagógica* não é só individual, mas deve ser característica da comunidade local, porque ela é afinal o sujeito primeiro da nossa missão. Portanto é condição fundamental para o sucesso da “nova evangelização” que cada comunidade seja verdadeiramente “sinal de fé” e “ambiente de família” para se tornar “centro de comunhão e participação”.³⁴

A criatividade do “artista” está, portanto, alicerçada numa vivida espiritualidade salesiana!

b) *Solidários com os jovens*. O apelo de “ir ao encontro dos jovens” é a “primeira e fundamental urgência educativa”,³⁵ realizada por uma convivência que é expressão de solidariedade real. O jovem (já o repetimos várias vezes) é “sujeito ativo” do trabalho educativo e deve sentir-se verdadeiramente envolvido como protagonista na obra de arte a ser executada.

A experiência de Dom Bosco com Domingos Sávio (a obra-prima), ou com Miguel Magone e Francisco Besucco, é também sugestiva e estimulante. Ele não agia com eles com intento de “sedução educativa”, mas por co-responsabilidade. Nisto guiava-o a convicção do primado da pessoa do jovem; portanto, do valor essencial de sua liberdade e da importância de seu protagonismo.

Na integridade harmoniosa da pessoa via a indispensável interação entre educação e evangelização; e na liberdade fundamentava a convicção que a obra do educador não pode substituir a do educando, mas sim motivá-la e fortalecê-la.

É uma espécie de aliança partilhada que formava aquele ambiente sereno e alegre, tornando fecunda toda atividade. Hoje, mais do que nunca, torna-se necessária esta soli-

³⁴ Cf. CG23 215-218.

³⁵ *Iuvenum patris* 14.

riedade educativa, quando o ambiente da família, da escola, da sociedade e da paróquia não está suficientemente em consonância com as exigências formativas do crescimento juvenil.

c) *Com o olhar fixo no Homem novo.* A arte educativa, como toda arte, visa por própria natureza à plena realização da finalidade pela qual age. Não se faz arte sem uma finalidade; seu dinamismo vivo está concentrado na energia com a qual vai-se para a meta, sem cansar-se e desistir nas etapas intermediárias. O esquecimento do fim último, o desvio em sua escolha tira o sentido de toda obra de arte. Na ordem prática, o fim último tem tanta importância quanto a de um princípio absoluto e evidente na ordem especulativa.

Ora, objetivamente (por convicção de fé) o fim ou a meta que visa a obra educativa é Cristo, o “Homem novo”; todo jovem é chamado a crescer nele e à sua imagem. O CG23 indica com clareza qual é a “meta global”, ou seja “o tipo de homem e de cristão que deve ser promovido nas concretas circunstâncias da nossa vida e da nossa sociedade... A meta é a de construir a própria personalidade tendo Cristo como ponto de referência no plano da mentalidade e da vida.”³⁶

Nunca entenderá Dom Bosco educador nem sua pedagogia (costumava afirmar o P. Alberto Caviglia) quem não partir deste princípio metodológico da consciência clara do fim último e de sua constante presença ao longo da caminhada a ser percorrida.

Surgem hoje de diferentes posições, renovadas contestações a esta finalidade última; de laicistas é fácil ouvir que a educação humana não precisa de nenhum adjetivo que a qualifique, nem do adjetivo “cristão”; ou, no campo das grandes religiões, faz-se notar que cada uma delas tem uma sua palavra a dizer sobre a finalidade última do homem.

³⁶ Cf. CG23 112-115.

Não se trata de polemizar, mas de estarmos convencidos de que o acontecimento-Cristo não é simplesmente a expressão de uma formulação “religiosa”, mas sim um fato objetivo da história humana que se refere concretamente a um indivíduo da espécie e que dá sentido definitivo à própria história. Cada pessoa necessita de Cristo e vai em direção a Ele, ainda que o não saiba. É direito fundamental de cada um chegar até Ele; impedi-lo de realizar isso é, de fato, ferir um direito humano. A direção para Cristo (consciente ou inconsciente, entendida ou não) é intrínseca à natureza do homem, criado objetivamente para a ordem sobrenatural, para a qual o projeto-homem foi pensado com vistas ao mistério de Cristo, e não o contrário. Esta consideração deve ser uma convicção irrenunciável no coração e na mente de todo educador que se inspira no “Sistema Preventivo”; sustentá-lo-á e iluminará também nas situações de contexto adverso.

O eficientismo de hoje e o relativismo religioso costumam concentrar-se mais sobre os meios do que sobre a finalidade, e isto pode prejudicar a personalidade dos jovens.

d) *Para uma obra de preventividade.* João Paulo II lembrou-nos que a “preventividade” em Dom Bosco é “a arte de educar positivamente, propondo o bem com experiências adequadas e envolventes, capazes de atrair por sua nobreza e beleza; a arte de fazer crescer os jovens em seu interior, apoiando-se sobre a liberdade pessoal, enfrentando os condicionamentos e os formalismos exteriores; a arte de conquistar o coração dos jovens para incentivá-los com alegria e com satisfação para o bem, corrigindo os desvios e preparando-os para o futuro através de uma sólida formação do caráter”.³⁷

Trata-se de chegar aonde nascem e se fundamentam os comportamentos para desenvolver uma personalidade capaz de decisões próprias e de discernimento do mal para não

³⁷ *Iuvenum patris* 8.

deixar-se envolver pelos desvios ambientais e pelas inclinações das paixões. Nesta obra preventiva, acompanhada por uma cordial e constante convivência com os jovens, intervêm simultaneamente a pedagogia e a fé de maneira concreta e operacional, não retórica e palavrosa; com insistência gradual, com revisões e estímulos, com humildade e realismo, com ajudas de ordem natural e sobrenatural, considerando com paciência pedagógica que “o ótimo é inimigo do bom”.

e) *Unindo num único foco de luz “razão” e “religião”*. Impulsionado pela caridade pastoral e guiado pela metodologia da amabilidade, o educador-pastor coordena pedagogicamente as grandes luzes formativas que brotam seja da razão seja da fé. Elas devem convergir juntas para fazer crescer a personalidade do jovem, assegurando luzes para a inteligência e meios de ajuda concreta para a vontade; “iluminar a mente para tornar bom o coração”.³⁸

Aqui desenvolve um papel especial a interação entre educação e evangelização, a convergência entre natureza e graça, entre cultura e Evangelho, entre vida e fé. E aqui insere-se também a peculiar eficácia educativa do conhecimento e freqüência aos Sacramentos. É bom acrescentar uma breve reflexão sobre isso.

De maneira alguma os sacramentos se reduzem da ordem do mistério ao de simples meios pedagógicos; pensa-se, isso sim, que a eficácia divina do acontecimento-Cristo possui uma sua dimensão também no trabalho educativo. Cristo não é só meta global e vértice do homem novo, mas é também “o caminho e a vida”, cuja intrínseca eficácia entra também no nível metodológico das mediações de crescimento da pessoa.

E de fato o “Sistema Preventivo” é todo permeado pela vontade de sintonizar a atividade do sujeito (“opus operantis”) com a eficácia intrínseca do sacramento (“opus operatum”).

³⁸ GIOVANNI BOSCO, *Storia Sacra per uso nelle scuole*, Prefazione - Torino, Speirano e Ferrero, 1847 - Opere Edite, v. III, p. 7.

Exatamente porque o educador-pastor está convencido, pela fé, da eficácia da liturgia cristã, cuida pedagogicamente a qualidade e os comportamentos humanos que predisõem adequadamente a participar da mesma.

Dom Bosco considerou sempre a Eucaristia e a Penitência como as duas colunas de sua atividade pedagógico-pastoral.

f) *Com atenção criativa voltada para o tempo livre.* O Capítulo afirma que “a experiência de grupo é elemento fundamental da tradição pedagógica salesiana”.³⁹ A obra educativa de Dom Bosco está marcada pela iniciativa oratoriana; ela comporta sentirmo-nos solidários com os jovens, começando a dar valor educativo ao seu tempo livre. É uma típica experiência formativa que não vai contra a educação formal e suas instituições, mas as precede, muitas vezes as requer, e neste caso as permeia infundindo nelas um peculiar caráter de envolvimento juvenil. A criatividade oratoriana permanece ainda hoje para nós “critério permanente de discernimento e renovação de toda atividade e obra”.⁴⁰

Nesta praxe oratoriana ocupam um espaço privilegiado os grupos juvenis com sua variedade de manifestações; neles se favorece a comunicação inter-pessoal e o protagonismo; de fato, eles constituem muitas vezes o único elemento estrutural para chegar aos valores da educação e da evangelização.

O Capítulo falou-nos do “Movimento Juvenil Salesiano”, formado por grupos e associações “que, embora mantenham sua autonomia organizativa, se inserem na espiritualidade e na pedagogia salesiana”.⁴¹

Também o Papa lançara um vibrante apelo, em 1979, lembrando-nos a urgente necessidade de renascimento dos válidos modelos de associações juvenis católicas.⁴²

³⁹ CG23 274.

⁴⁰ Const. 40.

⁴¹ Cf. CG23 274-275.

⁴² Cf. ACS 291. outubro-dezembro de 1979.

Eis uma maneira bem concreta para reler o “Sistema Preventivo” à luz do critério oratoriano. A experiência nos demonstra que o trabalho com os grupos e as associações é uma iniciativa a ser incrementada e coordenada, “aberta, de círculos concêntricos, que une muitos jovens: dos mais distantes, para os quais a espiritualidade é uma referência apenas percebida mediante um ambiente em que se sentem acolhidos, até aos que, de maneira consciente e explícita, fazem própria a proposta salesiana. Estes últimos constituem um ‘núcleo animador’ de todo o movimento”.⁴³

Evidentemente, sobretudo para o “núcleo animador”, será necessário aprofundar e explicitar os valores da espiritualidade juvenil tão querida ao coração de Dom Bosco.

g) *Em direção ao realismo da vida.* Uma das características da atividade pedagógica de Dom Bosco é sua praticidade, ou seja o querer habilitar os jovens ao realismo da vida, seja social, seja eclesial. Na prática educativa a teoria não é suficiente. É preciso unir à formação da mente e do coração, a aquisição de habilidades práticas e de relacionamento, espírito de iniciativa, sincera capacidade de pequenos e grandes sacrifícios, inclinação pessoal para o trabalho responsável, aprendizagem de serviços e profissões, afinal, um treinamento ao realismo da existência com crescente sentido de solidariedade e de colaboração.

Tudo isso para a formação do “honesto cidadão”, ligada ao interesse pelas atitudes de comunhão e participação nos compromissos da comunidade eclesial (associações, grupos, serviços apostólicos).

A praticidade, portanto, se interessa para treinar os jovens em concretas atitudes sociais e eclesiais, favorecendo o crescimento da pessoa, com modalidades vividas, na direção do bem comum e da experiência de Igreja.

⁴³ CG23 276.

— Em todas estas exigências e condições pedagógicas que indicamos, *continua central a força da “graça da unidade”* que faz convergir harmonicamente em mútua interação o educar e o evangelizar.

Para tentar compreender cada vez melhor os dinamismos, a fé nos impulsiona a penetrar o mistério de Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus; nele vibra uma misteriosa unidade entre a ordem da criação (com o dinamismo próprio dos valores humanos) e a encarnação do Verbo com as riquezas próprias de sua essência divina. Existe em Jesus Cristo uma harmoniosa organicidade existencial que se apóia sobre duas naturezas inseparáveis. S. Tomás de Aquino soube analisar profundamente esta inefável convergência unitária: aprofundou o princípio da unidade das pessoas distinguindo os dinamismos qualificadores das duas naturezas.⁴⁴

Não é que no nosso caso se aplique univocamente o que é próprio e exclusivo de Jesus Cristo; porém o mesmo Concílio Vaticano II compara, segundo “uma não leve analogia”, as realidades eclesiais dos fiéis ao mistério sublime do Verbo encarnado.⁴⁵

Santificar-se educando

Refletimos em outra circular sobre a espiritualidade salesiana para a “nova evangelização”.⁴⁶ Aquele “novo ardor”, de que falou o Papa, significa um forte impulso daquela “interioridade apostólica”, que está na raiz da nossa índole própria na Igreja.⁴⁷ Aqui devemos acrescentar que a espiritualidade salesiana representa para nós também a força da síntese santificadora da “nova educação”.

⁴⁴ Cf. *Summa theologica* p. IIIa, pp. 18 e 19.

⁴⁵ Cf. *Lumen gentium* 8.

⁴⁶ Cf. ACG 334, outubro-dezembro de 1990.

⁴⁷ Cf. ACG 331, A “Nova Evangelização” p. 27-32.

O CG23 nos assegura que a educação é “o lugar privilegiado do nosso encontro com Deus”.⁴⁸ Comporta uma especial espiritualidade apostólica, que é simultaneamente pastoral e educativa, “sempre atenta ao contexto do mundo e aos desafios da juventude: exige flexibilidade, criatividade e equilíbrio, e procura com seriedade as competências pedagógicas apropriadas. Na raiz, está aquela consagração apostólica”⁴⁹ “que, no interior de seu respiro pelas almas, assume os valores pedagógicos e vive-os como expressão concreta de espiritualidade”.⁵⁰ E não são espiritualidade *para* a educação em geral, mas verdadeira espiritualidade *da* educação na fé!

Lembremos o que nos escreve João Paulo II: “Gosto de considerar em Dom Bosco sobretudo o fato de que ele realiza sua pessoal santidade através do trabalho educativo vivido com zelo e coração apostólico, e que sabe propor, ao mesmo tempo, a santidade como meta concreta de sua pedagogia. Exatamente este intercâmbio entre ‘educação’ e ‘santidade’ é o aspecto característico de sua figura: ele é um ‘educador santo’, inspira-se num ‘modelo santo’, Francisco de Sales; é discípulo de um ‘mestre espiritual santo’, José Cafasso; e sabe formar entre seus jovens um ‘aluno santo’, Domingos Sávio”.⁵¹

Justamente as Contituições falam do “Sistema Preventivo” como “uma experiência espiritual e educativa”, que nos foi transmitida por Dom Bosco “como modo de viver e trabalhar para comunicar o Evangelho e salvar os jovens, com eles e por meio deles. Impregna o nosso relacionamento com Deus, as relações pessoais e a vida de comunidade no exercício de uma caridade que sabe fazer-se amar”.⁵²

O Fundador nos ensina que devemos *santificar-nos educando!*

⁴⁸ CG23 95.

⁴⁹ Const. 3.

⁵⁰ ACG 334, p. 35.

⁵¹ *Iuvenum patris* 5.

⁵² Const. 20.

O compromisso educativo salesiano pede que se dediquem amplos espaços e tempos adequados à convivência com os jovens, sobretudo hoje pela complexidade e problematicidade de seu contexto. Experimentar esta convivência (a mais contínua e intensa possível) é elemento básico em nosso trabalho de santificação e também a razão principal do nascimento e crescimento das vocações.

O P. Auffray, autor da conhecida biografia de Dom Bosco (que mereceu o aplauso da prestigiosa Academia francesa), sintetizava esta modalidade pedagógica com a frase: “estarmos lá (com os jovens) todos e sempre: *tous et toujours!*”.

Isto exige um coração repleto de “caridade pastoral” e uma mente rica de “inteligência pedagógica”, uma solidariedade espiritual e educativa vivida nos momentos comuns, cotidianos, como nos momentos difíceis, críticos ou naqueles cheios de glória. O amor educativo pede que existam válidas competências profissionais e de relacionamento para realizar a obra de promoção humana e cristã. Compreende-se aqui todo o sentido ascético-místico de quanto Dom Bosco dizia de si: “por vós estudo, por vós trabalho, por vós eu vivo, por vós estou disposto até a dar a vida”; “basta que sejais jovens para que eu vos ame muito”.⁵³ Ele “não deu passo, não pronunciou palavra, não pôs mão a empreendimento que não visasse à salvação da juventude”.⁵⁴

Na mente do Fundador seus filhos não deveriam ser pessoas dedicadas só “profissionalmente” aos jovens, mas deveriam fazer de seu trabalho educativo o “espaço espiritual” e o “centro pastoral” da própria vida, da própria oração, da própria profissionalidade, do cotidiano. Estão convidados a formarem uma espiritualidade que não separe o próprio ser do próprio agir, a finalidade evangelizadora daquela educativa e vice-versa, e una o crescimento da própria santidade

⁵³ Cf. Const. 14.

⁵⁴ Cf. Const. 21.

com uma qualificada atividade pedagógica. *É aqui que está o segredo da genialidade do “artista” educador cristão.* A caridade pastoral do espírito salesiano traz consigo aquela muitas vezes citada e preciosa “graça de unidade”, da qual nos disse o Papa que “é fruto do poder do Espírito que assegura a inseparabilidade vital entre união com Deus e dedicação ao próximo, entre interioridade evangélica e ação apostólica, entre coração orante e mãos operantes... A divisão dela abre um perigoso espaço para aqueles ‘ativismos’ ou ‘intimismos’ que constituem uma tentação insidiosa para os Institutos de Vida Apostólica. No entanto, as segretas riquezas, que esta ‘graça de unidade’ traz consigo, são a confirmação explícita... que a união com Deus é a verdadeira fonte do amor operoso em favor do próximo”.⁵⁵

Nesta perspectiva de espiritualidade, não só se chega à fundamental confiança do “nada te perturbe”, mas também vive-se cotidianamente com aquela esperança que “acredita nas qualidades naturais e sobrenaturais” dos jovens e que sabe colher “os valores do mundo” e sabe afastar o “lamentar o próprio tempo”.⁵⁶ Uma espiritualidade feita de otimismo e de alegria; no trabalho e na temperança, que reproduz uma fisionomia de “pessoas em festa”, muito laboriosa e ativa, criativa e flexível, firmada sim numa tradição, mas dinamicamente moderna, fiel à suprema novidade do Cristo e aberta aos valores culturais emergentes.⁵⁷

Sem dúvida essa espiritualidade é fruto de empenho, de dedicação, de reflexão, de estudo, de pesquisa, de cuidado contínuo e vigilante; mas está vinculada a constante união com Deus, que se traduz em oração e ação, que é mística e ascese. Assim leva a santificar não só a si próprio, mas também os jovens. As Constituições nos dizem que o testemunho da nossa espiritualidade “revela o valor único das bem-aventuranças, e é o dom mais precioso que podemos oferecer aos jovens”.⁵⁸

⁵⁵ CG23 332.

⁵⁶ Cf. Const. 17.

⁵⁷ Cf. Const. Cap. 2°.

⁵⁸ Const. 25.

E todavia a nossa santificação é também dom que nos vem dos jovens, porque “nós acreditamos que Deus ama os jovens;... que o Espírito torna-se presente nos jovens e que por meio deles quer edificar uma autêntica comunidade humana e cristã... Nós acreditamos que Deus nos espera nos jovens para oferecer-nos a graça do encontro com Ele e para nos dispor a servi-lo neles, reconhecendo sua dignidade e educando-os à plenitude da vida”.⁵⁹

Junto com eles poder-se-á percorrer o caminho da fé com uma espiritualidade educativa comum aos educadores e jovens, ainda que em níveis e graus diferentes; ela traduzir-se-á “numa pedagogia realista da santidade... A originalidade e a audácia da proposta de uma ‘santidade juvenil’ é intrínseca à arte educativa de Dom Bosco, que pode com exatidão ser definido ‘mestre de espiritualidade juvenil’”.⁶⁰

É sobre esta espiritualidade que o Capítulo concentra a atenção de todos, salesianos e jovens, para juntos tornarem-se artífices da síntese vital entre cultura e Evangelho, entre vida e fé, entre promoção humana e testemunho cristão. Deveremos saber santificar-nos levando em conta as novidades dos tempos, dedicando-nos com interesse à “nova evangelização” exatamente porque peritos da “nova educação”, com a arte de Dom Bosco que soube coordenar felizmente sua mútua interação.

Dom Bosco convida-nos a fazer da educação dos jovens na fé a nossa própria razão de ser na Igreja, ou seja, nosso modo de participar de sua santidade e ação: *nela tornar-nos-emos santos se formos “missionários dos jovens”!*

Estimulados pela maternidade eclesial de Maria

Queridos irmãos, quando cada um de nós pensa no nascimento e crescimento da própria fé pessoal, constata que ela é historicamente ligada a concretas mediações pedagógicas: a família, alguma pessoa amiga, a comunidade cristã de

⁵⁹ CG23 95.

⁶⁰ *Iuvenum patris* 16.

sua terra. Certamente a fé é um dom do Espírito do Senhor; sem a iniciativa divina não teria surgido em nós a fé. Mas se pensarmos em nosso batismo e, em geral, naquele das crianças ao longo de toda a tradição da Igreja, então ficamos logo convencidos de que o dom da fé está normalmente acompanhado pela atividade educativa e pelo testemunho vivo da mãe e do pai, daquele padre, daqueles fiéis, daqueles religiosos e religiosas.

É um presente que passa através da colaboração humana para assegurar o nascimento e o desenvolvimento de uma linfa vital muito preciosa.

Tal reflexão nos faz perceber, por um lado, a interação entre solicitude humana e dom da fé, e, por outro, destaca a importância da presença de um oportuno e válido cuidado pedagógico-pastoral que poderíamos qualificar sobretudo “materno”.

Na conclusão da várias vezes citada carta que nos escreveu em 1988, o Papa afirma: “Com a vossa obra, caríssimos educadores, vós estais cumprindo *um maravilhoso exercício de maternidade eclesial*”.⁶¹

Eis uma feliz expressão que traduz plasticamente em que consiste a “arte” de educar na fé: um exercício de “maternidade eclesial”!

Na encarnação do Verbo, Maria não é a causa da união hipostática de Cristo, mas é verdadeiramente a Mãe de Jesus; gera-o, ajuda-o a crescer como homem na história e o educa segundo a cultura de seu país. Deve-se distinguir, em Jesus e na ação maternal de Maria, aspectos bem diferentes entre si, mas existe uma unidade orgânica de vida que faz a Igreja proclamar que Maria é “Mãe de Deus”.

Há muito que meditar sobre esta verdade.

Nós nos entregamos a Maria e agora nos dirigimos a Ela para impetrar seu solícito auxílio nos trabalhos da arte educativa. Ela sugeriu a Dom Bosco o “Sistema Preventivo”.

⁶¹ *Iuvenum patris* 20.

“O itinerário de fé - nos disse o Capítulo - inicia com a proteção maternal de Maria”.⁶² Afirma ainda que “a presença maternal de Maria inspira intensamente todo o percurso (do longo caminho) em seu conjunto: em cada área... Nela os caminhos do homem se cruzam com aqueles de Deus”;⁶³ e lembra também que a espiritualidade salesiana “dá um lugar privilegiado à pessoa de Maria... No termo de sua vida, Dom Bosco pôde afirmar com certeza: ‘Maria fez tudo’”.⁶⁴

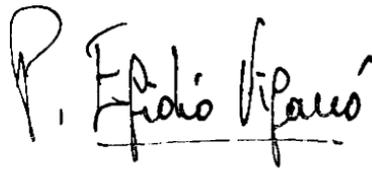
Pois bem, se vivemos com sinceridade a nossa entrega a ela acontecerá o mesmo em cada um de nós, em cada comunidade local, em cada Inspeção. O importante é saber viver com sinceridade o aspecto mariano da nossa espiritualidade.

O Santo Padre faz votos para que isso aconteça: “Invoco sobre todos vós a contínua proteção de Maria Auxiliadora, Mãe da Igreja; Ela seja para vós, como o foi para S. João Bosco, Mestra e Guia, a Estrela da nova evangelização!”.⁶⁵

É Maria que nos convida a todos a vivermos e testemunharmos aquela interioridade apostólica que caracteriza o Salesiano na Igreja; da força de unidades dessa espiritualidade brotarão tantas iniciativas felizes e fecundas para “educar os jovens”.

Fraternais saudações a todos e a cada um, na alegria de sentir-nos num compromisso grande e comum. Seja Dom Bosco o intercessor.

Cordialmente no Senhor,



P. F. Fidélis Viqueiro

⁶² CG23 121.

⁶³ CG23 157.

⁶⁴ CG23 177.

⁶⁵ CG23 335.

2.1 ANCIANIDADE: UMA IDADE A SER VALORIZADA

P. Juan E. Vecchi
Vigário do Reitor-Mor

1. Um fato novo

Deus nos abençoa com a longevidade. Muitos dentre os nossos irmãos chegam a uma idade avançada. Alguns, favorecidos por particular energia física e psíquica, continuam em plena atividade nas tarefas que a obediência lhes confia. Outros vivem a condição de ancião em serena laboriosidade, depois de anos de pleno vigor em atividades apostólicas e responsabilidades comunitárias.

Sua presença enriquece o ambiente educativo e o trabalho pastoral com contribuições originais.

A missão salesiana, de fato, admite, aliás, pede a contribuição de todas as idades da vida do homem. Vemos hoje, como no passado, irmãos idosos envolvidos segundo suas forças na assistência aos jovens, no ministério da reconciliação e da direção espiritual, na pregação, no trabalho diligente nalgum setor importante da casa (biblioteca, arquivo, secretaria, administração, museu, laboratório, igreja), na acolhida aos hóspedes, no cuidado aos doentes, na atividade reduzida mas preciosa de ensino e em tantas outras formas não facilmente catalogáveis.

Esta riqueza difunde-se também sobre a comunidade. É o testemunho de uma vida que vai chegando ao ponto alto; é a sabedoria que dá a justa dimensão a cada aspecto da existência, à luz da chegada definitiva; é a experiência dos problemas e das pessoas que é doada a quem percorreu as várias etapas da vida. É também a memória do passado que faz ver a interdependência entre as gerações e une à mesma fonte do carisma ou a uma obra

particular. Isto torna-os quase indispensáveis nas comunidades de formação inicial.

Muitas vezes aos anos se acrescenta a saúde precária ou uma doença que leva até o fim. A atividade se reduz, podendo até cessar totalmente. Depende-se dos outros. Os irmãos então participam da missão salesiana com a oração, o sofrimento e o oferecimento da própria vida. Assim tornam-se uma fonte de graças e de bênçãos para a comunidade e os jovens.

“Enriquecem o espírito de família e tornam mais profunda a unidade da comunidade”, afirma o art. 53 das Constituições. De fato, a dor não só purifica quem a vive, mas faz renascer nos irmãos energias de partilha e de serviço. Ao lado do irmão que sofre, a comunidade encontra-se unida na solidariedade vocacional e no afeto fraterno.

Por isso falou-se da longevidade como de um “carisma”, um dom que santifica quem o recebe e torna-se fonte de santificação para os outros. Mas com a condição de que seja vivido como uma graça por quem o traz e por aqueles que o partilham.

2. Uma visão adequada

A primeira exigência é de adquirir uma justa visão da ancianidade.

A velhice não goza de boa fama entre as idades do homem. A meninice é cheia de promessas, a juventude é brilhante e alimenta as esperanças do futuro, a maturidade é a plena posse das energias, por isso lhe são confiadas as responsabilidades do presente.

A velhice, no entanto, deve contar com a queda do vigor físico, o risco da involução psicológica, a diminuição das relações humanas, a separação das responsabilidades. Portanto ela, em nossa cultura, gera, nos melhores casos, um

sentimento de gratidão, respeito e amor que se traduz em assistência profissional e em atenções afetuosas. Raramente no entanto leva a valorizar as energias originais.

Na raiz desta atitude encontra-se uma idéia de vida em que contam sobretudo a capacidade produtiva, manual ou intelectual. Na medida em que ela diminui, perde valor a mesma existência humana.

Essa visão, quando predomina ou também simplesmente está presente no ambiente, é facilmente interiorizada pelas pessoas que se aproximam da idade avançada e produz, ao menos nas mais frágeis, uma depreciação das próprias possibilidades. Começa a penetrar, como conseqüência, um desejo de voluntária marginalização, e assim os anos "ativos" diminuem e as qualidades da ancianidade não conseguem se desenvolver plenamente.

A experiência religiosa e salesiana nos mantém afastados desta mentalidade. Mas inevitavelmente todos nós somos de algum modo atingidos. O envelhecimento comunitário levanta em nós preocupação e o aumento da média da idade provoca comentários sobre o futuro. Isto é legítimo pelo fato de que a Congregação é levada para o lado que requer energias novas e muitas vezes a troca delas não é proporcionada aos compromissos. Mas torna-se perigosa quando toda a questão é vista só ou principalmente na perspectiva do trabalho a ser feito, segundo a impostação atual das obras. O nosso próprio trabalho pastoral pela salvação dos jovens não é visto corretamente quando é pensado só em termos de atividade, mesmo que estas sejam indispensáveis e representem o aspecto visível.

É a nossa vida consagrada, em sua totalidade e em suas condições concretas que se torna dom do Pai aos jovens, fonte de gestos e palavras que os ajudam a crescer como homens e os leva ao mistério de Deus. O batismo e a profissão religiosa inserem toda a nossa vida na luz particular do amor. O Espírito comunica fecundidade à energia juvenil, à maturidade adulta, à aparente diminuição física da velhice.

O crescimento da vida no Espírito não pára com os anos ou com a doença. Aliás, à medida que o homem exterior vai-se dissolvendo naquilo que é transitório, o homem interior cresce, recolhendo os frutos da inteira existência na espera do encontro final.

Assim, a condição de ancianidade resulta sempre revelação da vida. Não deve só ser avaliada pela proximidade do fim, mas pelo caminho feito desde o nascimento na perspectiva da maturidade e da realização.

Suas riquezas não são só misteriosas e invisíveis. Possuem manifestações a serem valorizadas na convivência: a maturidade espiritual, a disposição à amizade, o gosto pela oração e a contemplação, o sentido não simulado da pobreza da vida e abandono às mãos de Deus.

A condição de ancianidade, portanto, será certamente para nós objeto de cuidado e atenção afetuosa, mas não a diminuição de um recurso humano e pastoral, que não possa ser colocado à disposição da comunidade e da missão salesiana.

3. Partilhar a condição dos anciãos

Quem entra na chamada terceira e quarta idade tem necessidade de particular apoio. Os irmãos e as comunidades estão convidados a aferecê-lo na normalidade da vida fraterna.

O primeiro apoio consiste na valorização comunitária da pessoa. É importante hoje proclamar a missão que as pessoas de idade têm no interior da convivência e, por conseguinte, promover seu papel.

Isto comporta ajudá-los a se conscientizarem plenamente da nova fase que se abre diante deles, das capacidades de que dispõem, das novas metas que os esperam e também dos afasta-

mentos e adaptações que a idade exige. É uma das etapas significativas da formação permanente, que o documento sobre a formação nos Institutos religiosos sublinha e recomenda: “Na hora da retirada progressiva da ação, religiosas e religiosos percebem mais profundamente em si a experiência que Paulo descreveu num contexto de caminhada para a ressurreição: ‘Não desesperamos; ainda que o homem exterior se corrompa, o interior se renova de dia para dia...’ (2Cor 4,16). O religioso pode viver estes momentos como uma sorte única para deixar-se penetrar pela experiência pascal do Senhor Jesus até desejar morrer para ‘viver em Cristo’, em coerência com sua ressurreição, e a participação dos seus sofrimentos” (*Diretrizes sobre a formação nos Institutos religiosos*, Congregação para os Institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica, 1990, n. 70).

Nalgum lugar providenciou-se para os irmãos da terceira idade um tempo extraordinário, que pôde contar também com a contribuição de especialistas. Os resultados foram satisfatórios. Em outros casos os próprios irmãos, percebendo a necessidade, inseriram-se em iniciativas de formação permanente que ofereciam tempos e meios para alcançar os mesmos objetivos.

Deve-se depois pensar em modalidades de trabalho comunitário que consintam o pleno emprego das pessoas por um tempo mais longo possível. É claro que não se trata só de mantê-los ocupados mas de descobrir contribuições úteis à missão salesiana, segundo as capacidades e as forças de cada um. Inserida como é num vasto movimento de pessoas e aberta a diferentes serviços, a comunidade pode incorporar no próprio projeto qualidades e serviços especiais.

Isto levará a um envolvimento maior não só nos momentos de oração e de convivência fraterna, mas também na co-responsabilidade comunitária; manterá a inserção em contextos de relações mais amplas, trocas e colaboração.

Com relação à assistência médico-sanitária, as Inspetorias amadurecem critérios e iniciativas que convém recolher porque já constituem uma prática adequada.

Os irmãos ficam nas comunidades ativas até que são auto-suficientes ou, se doentes, a comunidade local pode tomar conta deles. O espírito de família, o testemunho educativo nos orientam para esta solução. Aplicamos de maneira análoga à comunidade o que João Paulo II dizia aos consultores familiares: “Tirar o idoso da casa é muitas vezes uma injusta violência. A família com seu afeto pode tornar aceitável, voluntário, operoso e sereno o momento precioso da ancianidade. Existem no idoso qualidades que devem ser devidamente valorizadas e das quais a família pode usufruir. Deixá-las de lado ou esquecê-las seria empobrecer”. Na mesma linha orienta-se a ciência médica que dá preferência à assistência domiciliar e a apóia com iniciativas de perfil novo para assegurar um suficiente serviço sanitário.

Para aqueles que, no entanto, necessitassem de cuidados contínuos e especiais, as Inspetorias encontraram casas em que o serviço médico, o ambiente e a atenção criam condições favoráveis de assistência. A experiência vai sugerindo modalidades que tornam aceitável este passo certamente difícil. O irmão deve aceitar serenamente esta eventualidade, acolhendo-a como um sinal de amor da Congregação, como medida conveniente para a saúde e como uma colaboração à missão da comunidade. O consentimento e a aceitação facilitam as coisas.

Os salesianos idosos se sentem melhor quando estas casas estão perto de outras em que se desenvolvem normalmente atividades salesianas e oferecem, portanto, a possibilidade de pequenas colaborações, de participação ocasional e momentos comunitários e de simples alegria visual do movimento dos jovens e adultos. É também louvável a diligência com que as comunidades, onde estes irmãos trabalharam, os visitem e os mantenham informados de sua vida.

Mas fundamental é a capacidade dos irmãos encarregados de animar cada uma das pessoas, grupos homogêneos e a inteira comunidade dessas casas. Eles procuram adequar a oração, encorajar o trabalho possível, animar as relações, providenciar informações, acompanhar cada um junto com especialistas.

Um reconhecimento público vai, pois, aos irmãos que acolhem a obediência de cuidarem destas casas. Eles manifestam aos irmãos idosos a gratidão e o afeto da Congregação. Deve-se pensar numa qualificação que lhes consinta acompanhar os anciãos com competência pastoral e espiritual.

4. Preparar-se para envelhecer bem

A ancianidade, como toda idade da vida, enfrenta crises, apresenta riscos. Somos testemunhas delas. Ao lado do ancião ativo está o aposentado prematuro. Ao lado de quem difunde serenidade e confiança encontramos o ansioso e o pessimista. Há quem assuma com alegria trabalhos e tarefas mais apropriados a suas forças e quem se agarra a um determinado encargo ou trabalho, impedindo até uma oportuna substituição.

Tais situações não devem ser julgadas por nós, porque as causas de humor, de vivacidade ou de depressão fogem muitas vezes ao controle das pessoas. Mas o prolongamento da vida, que é um fato constatado em todo mundo, nos leva a pensar antes como vivê-la para Deus e para os jovens em todas as suas possibilidades.

De fato a qualidade que terá a condição de ancianidade de cada um não é gratuita nem totalmente imprevista. Depende da resposta que a pessoa é capaz de dar. E esta não se improvisa. Prepara-se nos anos que a precedem. Normalmente na ancianidade se recolhem os frutos daquilo que se aprendeu e praticou. Envelhecer torna-se assim um exercício de toda a vida, que consiste em enfrentar positivamente os desafios do amadurecimento, na fidelidade à própria vocação.

Alguns aspectos então têm particular importância. O primeiro é a tensão para o crescimento ininterrupto como resposta ao chamado do Senhor. Isso comporta atenção à experiência espiritual que se vai desenvolvendo em nós, pelo

qual descobrimos com maior profundidade a obra de Deus em nossa vida.

A ela está unida, num religioso educador, a abertura cultural que torna capaz de colher novos significados e dispõe para assumir serenamente as mudanças necessárias.

Um segundo aspecto a ser considerado é o trabalho: a maneira com que nos preparamos para ele, como se desenvolve, como se aplicam com flexibilidade as competências adquiridas.

Está confirmado que, não entrando no mérito das condições físicas e psíquicas, aqueles que possuem uma séria profissionalidade, e depois a consolidaram numa área de trabalho, contribuem de maneira significativa com a sua parcela também quando diminuem as forças. O longo exercício, a experiência acumulada, as sínteses feitas tornam preciosas também as contribuições quantitativamente reduzidas.

Ao contrário, uma ação iniciada sem o suporte de competência, feita de maneira dispersa, submetida a contínuas mudanças de áreas, não leva à maturidade, mas provoca inadequação e saída prematura.

Esta é uma atenção que se pede a cada irmão e também àqueles que organizam a ação e projetam o desenvolvimento de uma Inspeção ou de uma obra. Dois artigos dos Regulamentos a lembram. Um se relaciona com a competência a ser adquirida: “Cada irmão procure com os superiores o campo de qualificação mais apropriado às suas capacidades pessoais e às necessidades da inspeção, dando preferência a quanto diz respeito à nossa missão. Conserve a disponibilidade característica do nosso espírito e esteja disposto a requalificações periódicas”. (Regul. 100).

O art. 43, por sua vez, previne contra o “trabalho desordenado” e sugere uma equilibrada alternância de compromissos, distensão e tempos de formação.

Ambos os artigos sugerem que é irrenunciável hoje dar mais importância às pessoas que às obras; e que não é preciso sacrificar a formação inicial ou permanente ou a qualidade

da vida e da ação diante das urgências de “sustentar” estruturas e iniciativas.

Realizar-se-ão assim os votos do Salmo:

“Mesmo no tempo da velhice darão frutos,

cheios de seiva e de folhas verdejantes;

e dirão ‘É justo mesmo o Senhor Deus!’” (Sl 91,15-16).

2.2. OS CANDIDATOS ÀS MISSÕES SALESIANAS

P. Luciano Odorico

Conselheiro geral para as Missões

Esta breve comunicação deve ser lida à luz da recente carta do Reitor-Mor, “*Apelo do Papa em favor das Missões*” (ACG 336 p. 3-43), e no contexto da Encíclica *Redemptoris Missio* (RM) de João Paulo II. Tanto o Santo Padre como o Reitor-Mor sublinham a tarefa essencial do missionário, suas qualidades e as peculiaridades de sua vocação.

Aqui desejo sobretudo focalizar a importância dos *critérios de escolha* e da *metodologia de envio* dos candidatos às missões salesianas, à luz da nossa centenária tradição e dos novos acontecimentos ligados especialmente ao *Projeto África*. Indicarei sobretudo alguns critérios operacionais, conhecidos e aprovados pelo Reitor-Mor.

1. A tradição salesiana

É um fato historicamente consolidado que a Congregação Salesiana desde o início, na pessoa de Dom Bosco, foi vista como Congregação essencialmente missionária (cf. ACG 336, p. 5-10). Desde o começo, pois, preocupou-se com a escolha adequada dos candidatos às missões.

Dom Bosco, consciente de que a vocação missionária era a expressão generosa da vocação de todos os seus filhos, escolhia com simplicidade seus primeiros missionários, convencido, como interpreta o Reitor-Mor, que cada irmão era disponível, em diálogo de obediência, para ser mandado

para as missões (cf ACG 336, p. 11). Escolhia homens profundamente salesianos, homens de profunda oração, criativos, flexíveis, heróicos, ainda que humanamente limitados. Por meio deles iniciou Dom Bosco de maneira irreversível a universalização e a inculturação do carisma salesiano no mundo. E os missionários salesianos são ainda o instrumento histórico da catolicidade da Congregação.

São conhecidas as modalidades com que eram escolhidos e mandados os missionários salesianos desde os tempos de Dom Bosco (1875) até o Capítulo Geral Especial (1971).

- Os candidatos convencidos de sua “vocação especial”, apresentavam diretamente seu pedido ao Reitor-Mor.

- O Conselheiro para as Missões (e mais ainda, o Prefeito Geral) encarregava-se diretamente do discernimento, da destinação e do envio dos candidatos.

- A grande maioria recebia o crucifixo missionário na Basílica de Maria Auxiliadora de Turim.

- Nota-se como o contexto eclesial e constitucional salesiano sublinhava a verticalidade e a centralidade na Congregação, como expressão de unidade.

- Este método favoreceu muito a internacionalização das comunidades missionárias com a intervenção direta do Reitor-Mor mediante o Conselheiro para as Missões.

2. O processo atual

À luz do Concílio Vaticano II, e sobretudo segundo a doutrina eclesiológica da *Lumen Gentium*, a Congregação Salesiana no CGE assumiu no próprio texto constitucional os princípios da unidade na participação e na co-responsabilidade, subsidiariedade e discernimento (Const. 122-124), princípios aplicados não somente ao exercício da autoridade,

mas à própria vida e organização da Congregação. Portanto também à vida missionária.

Em nível de Congregação, assumir o *Projeto África* como projeto global a envolver todas as Inspetorias, tornou mais fácil a mudança de modalidade no discernimento, na escolha e envio de missionários. O novo processo pode ser assim descrito:

- Um bom número de irmãos apresenta (por escrito ou oralmente) seu desejo missionário ao próprio Inspetor. Este, às vezes, sugere e estimula a escolha num diálogo de obediência.

- O próprio Inspetor escolhe e manda missionários no próprio território de missão (especialmente na África e nas novas fronteiras da Ásia e América). Alguns são mandados “ad tempus”, outros com um empenho permanente e definitivo.

- Normalmente recebem o Crucifixo de missionários numa celebração comunitária inspetorial ou local.

- Continua sempre a escolha de candidatos que mandam a carta pessoal ao Reitor-Mor, o qual intervém diretamente, através do Conselheiro para as Missões: são candidatos disponíveis para qualquer projeto.

Deve-se notar que:

- Esta metodologia favorece uma rápida expansão dos projetos missionários inspetoriais e estimula um novo entusiasmo missionário em quase todas as Inspetorias.

- Todavia o número dos candidatos ao serviço de todas as missões diminui consideravelmente.

- A descentralização da entrega do crucifixo reduz a tradicional solenidade do rito da entrega em Turim.

- Alguns leigos voluntários missionários, ligados direta ou indiretamente à Família Salesiana, partem para as missões.

- Tudo isso reflete um contexto eclesiológico de unidade na diversidade, e de unidade na descentralização. As duas dimensões (unidade e descentralização) não se opõem; se completam.

3. Orientações operacionais

À luz da leitura da nossa prática missionária, desejo sublinhar as seguintes *orientações operacionais* que foram aprovadas pelo Reitor-Mor e, portanto, devem ser praticadas em toda a Congregação.

- Os candidatos devem ser escolhidos especialmente entre aqueles que manifestam *uma autêntica vocação missionária* (AG 23).

- Estes podem expressar o próprio desejo seja ao Reitor-Mor, seja ao próprio Inspetor.

- Os candidatos que apresentam seu *pedido ao Reitor-Mor* ficam à disposição do Conselheiro Geral para as Missões para projetos missionários mais amplos e para a internacionalização das comunidades. O discernimento sobre a qualidade dos mesmos será feito em diálogo com os respectivos Inspetores.

- A preparação imediata e a entrega do Crucifixo será feita na Basílica de Maria Auxiliadora de Valdocco.

- O Reitor-Mor pode sempre destinar alguns irmãos para tarefas específicas e urgentes nas Missões, também sem a mediação de um pedido explícito dos mesmos, como fazia Dom Bosco.

- Eventuais candidatos voluntários leigos devem ser apresentados pelos Inspetores da região: devem ser pessoas abertas aos valores da mundialidade, com profundas convicções cristãs e com conhecimento da pedagogia e estilo salesiano.

- Os candidatos, Salesianos, *que fazem pedido ao próprio Inspetor*, normalmente são mandados às regiões de missão confiados à própria Inspetoria. Seus nomes e sua destinação serão comunicados ao Conselheiro Geral para as Missões por motivos de comunhão congregacional e de informação.

- Eles normalmente farão a preparação imediata e receberão o Crucifixo na própria Inspetoria. Os que estão perto

serão convidados a participar do rito em Valdocco para sublinhar a unidade do projeto missionário salesiano.

- Lembra-se que os Inspetores devem respeitar a peculiaridade dos pedidos à vida missionária, não só pelas necessidades universais e, às vezes, especialmente das missões salesianas, mas sobretudo por um profundo respeito do plano de Deus em cada vocação missionária “ad gentes”.

Concluindo estas breves reflexões e a apresentação das orientações operacionais, faço um apelo a tantos jovens salesianos para que pensem seriamente na possibilidade concreta de serem chamados por Deus para horizontes de generosidade sem limites. A audácia e o heroísmo serão sempre acompanhados pela alegria que brota do mais profundo do coração. Permito-me também fazer um apelo às Inspetorias para que se envolvam cada vez mais em projetos missionários: eles são meios eficacíssimos de renovação espiritual e apostólica da Congregação.

“O empenho missionário nos liberta dos perigos do aburguesamento, da superficialidade espiritual e do genericismo. Nas missões percebemos o gosto das origens, experimentamos a permanente vitalidade do critério oratoriano e nos parece de ver reviver Dom Bosco na autenticidade primeira de sua missão juvenil e popular” (ACG 336, p. 12). Numa palavra, a vida missionária, e portanto a vocação dos candidatos à vida missionária, é um desafio cotidiano de santidade e radicalidade (cf RM 90).

CI 92 - INSTRUÇÕES

P. Juan E. Vecchi
Vigário do Reitor-Mor

Apresentamos algumas indicações e instruções - tiradas das Constituições e dos Regulamentos gerais e com referências ao CG23 - visando os Capítulos inspetoriais de 1992 (CI 92).

1. Tempo e convocação

1.1 “Em via ordinária, o Capítulo Inspetorial será convocado pelo Inspetor cada três anos e todas as vezes que for convocado o Capítulo Geral” (C. 172).

1.2 E como o anterior CI foi celebrado em 1989 e aquele que precederá o CG 24 será convocado em 1995, o próximo CI deve ser celebrado em 1992. Convém que todos os CI sejam realizados no próximo ano (janeiro-dezembro).

1.3 Não há necessidade de convocação ou anúncio por parte do Reitor-Mor, visto que o CI “será convocado pelo Inspetor”.

2. Temática

2.1 A temática do CI 92 será estabelecida pelo Inspetor com seu Conselho nos limites estabelecidos pelos artigos 170 e 171 das Constituições.

2.2 Const. 170: O Capítulo inspetorial “delibera sobre o que concerne à Inspeção, salvo a competência conferida pelas Constituições e Regulamentos Gerais a outros órgãos de governo”.

2.3 Const. 171: “Cabe ao Capítulo Inspetorial:

1. Estabelecer quanto diz respeito ao bom andamento da inspetoria;
2. procurar os meios aptos para promover a vida religiosa e pastoral da comunidade inspetorial;
3. estudar e verificar a execução concreta das deliberações do Capítulo Geral;
4. elaborar e rever o diretório inspetorial no âmbito das competências atribuídas a esse nível;
5. eleger um ou dois delegados ao Capítulo Geral e seus suplentes, de acordo com os Regulamentos Gerais”.

2.4 Com relação ao n. 3 das Const. 171, o Reitor-Mor e seu Conselho lembram o que foi estabelecido pelo CG23, isto é:

1. a formação e qualificação contínua dos irmãos (CG23, 221): programa anual na comunidade local e “dia da comunidade” (n. 222), plano orgânico inspetorial de formação permanente dos irmãos (n. 223), formação dos diretores para a direção espiritual, comunitária e pessoal (n. 223);
2. qualificação das presenças do ponto de vista da educação na fé e sua eventual recolocação (n. 228); avaliação e redimensionamento das atividades, reformulação dos compromissos dos irmãos (n. 229);
3. para o “Projeto Leigos”: construção da comunidade educativa pastoral e qualificação dos leigos de maneira particular da Família Salesiana (n. 236): programa inspetorial de formação dos leigos (n. 237), aplicação nas comunidades locais (n. 236);
4. comunicação e ligação para uma pastoral orgânica (n. 242), convergência e tarefas para a educação dos

- jovens na fé em nível local (n. 243), responsabilidade do Inspetor e de seu Conselho na orientação pastoral: delegado, equipe (n. 244);
5. a orientação, a proposta e o acompanhamento vocacional, pontos qualificadores dos itinerários de fé (n. 251): nas comunidades locais (n. 252), na Inspetoria (n. 253);
 6. adequada utilização da Comunicação social na evangelização e na educação dos jovens na fé (CG23, 257): seja na comunidade local (n. 258), seja na comunidade Inspetorial (n. 259);
 7. avaliação da educação na fé nos diferentes “programas” e propostas de qualificação:
 - ambiente de ampla acolhida (nn. 262-266);
 - ambiente de educação sistemática (nn. 267-273);
 - grupos juvenis (nn. 274-283);
 - encontro pessoal (nn. 284-289);
 - comunidade para os jovens em dificuldade (nn. 290-294);
 - grandes convocações juvenis (nn. 295-299).

2.5 Em particular lembra-se que dois pontos das deliberações aludem a este Capítulo Inspetorial como limites para o respectivo cumprimento:

- n. 230: “Durante o próximo Capítulo Inspetorial cada Inspetoria fará a revisão do Projeto Educativo Pastoral Salesiano (PEPS). Nele:
- prestará particular atenção à inserção viva de cada obra na Igreja local e na região;
 - reverá a qualidade educativa das obras e sua significatividade do ponto de vista juvenil, promovendo, se necessário, uma reflexão visando uma eventual recolocação delas;

- individualará também novas e urgentes frentes de empenho, principalmente entre os jovens que têm maiores dificuldades, estabelecendo alguma presença para eles como “sinal” de nos voltarmos para os jovens mais distantes;
- traduzirá o caminho de fé proposto pelo CG23 em itinerários concretos e adequados aos próprios destinatários e aos contextos em que atua”.

n. 236: “No próximo Capítulo Inspetorial, cada comunidade local aperfeiçoe e realize na própria obra a comunidade educativa pastoral. Traduza em iniciativas locais concretas o programa inspetorial de formação dos leigos, do qual se fala no número seguinte, tendo particular cuidado da formação dos membros da Família Salesiana. Esta seja envolvida e empenhada nos programas de educação da fé. E o Inspetor verifique, durante a visita inspetorial, o caminho feito pela comunidade neste campo”.

3. Aprovação

3.1 As deliberações do Capítulo inspetorial terão valor após a aprovação do Reitor-Mor com o consentimento do seu Conselho, com exceção daquilo que está no art. 171,5 das Constituições (Const. 170).

3.2 Cada Inspetoria manda ao Vigário do Reitor-Mor - ou à Secretaria geral - uma cópia completa dos Atos do CI na língua original e ao menos duas cópias das DELIBERAÇÕES - com as relativas motivações - em italiano.

3.3 A Inspetoria pode comunicar e colocar em prática aquelas deliberações cujo conteúdo está nas competências do

Inspetor e de seu Conselho. Mas a publicação do conjunto como referência da Inspetoria deve esperar a aprovação do Reitor-Mor com seu Conselho.

4. Procedimentos

Tratando-se de um CI, é preciso observar com exatidão as normas jurídicas relativas às eleições, participação, votações (Cf Const. 173-174; Regul. 161-166.168).

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 Crônica do Reitor-Mor

No começo de abril (1-13), o Reitor-Mor visitou o Togo e o Benin, na África Ocidental. Passou os primeiros dias em Lomé; depois, nos dias 8 e 9, esteve em Portonovo e Cotonou, no Benin. Teria que voltar ao Togo, mas foi impedido por causa da situação política; prolongou assim sua permanência no Benin até o dia 13 à noite. Durante estas visitas esteve nas comunidades salesianas dos dois países, especialmente nas do Noviciado e Pós-noviciado de Lomé; presidiu importante encontro sobre a formação inicial de vocações africanas, que tratou em particular do pré-noviciado e do tirocínio. Participaram uns trinta irmãos formadores vindos de 11 países da África Ocidental e Central. Também inaugurou o novo Templo da paróquia salesiana de Lomé, dedicado a N.S. Auxiliadora.

Um especial significado teve a presença do Reitor-Mor nas Inspetorias de Bratislava (19-22 de abril) e de Praga (22-26 abril): a primeira visita de um sucessor de Dom Bosco na Tchecoslováquia! Desenvolvendo intenso programa, seja na Eslováquia como na Morávia e Boêmia, e visitando diferentes cidades e lugares queridos à história da vida salesiana naquele país, o Reitor-Mor encontrou quase todos os irmãos, dialogando longamente com eles e entregando pessoalmente a cada um a “cruz” e a “medalha”, sinais da profissão salesiana. Visitou com particular atenção os dois noviciados (com 18 e 20 noviços respectivamente). Teve encontros com vários membros da Família Salesiana; manteve interessantes diálogos com os jovens. Sublinhamos também os contatos com nove Bispos, especialmente com o Cardeal Tomasek, e com outras autoridades. Nos encontros finais com os Conselhos inspetoriais sublinhou os motivos de esperança, os principais desafios e os passos graduais a serem dados para o futuro da presença salesiana, assegura-

rando a comunhão e a solidariedade de toda a Congregação.

No começo de maio (de 3 a 5) esteve na Sardenha para uma visita de animação às várias presenças, conversou com os Diretores e o Conselho da Visitadoria reunidos, e abençoou a nova obra em Nuoro. No salão de atos da Prefeitura de Lanusei, diante das autoridades locais e do povo, recebeu o título de cidadão honorário da cidade.

De 6 a 15 de maio participou das reuniões dos animadores da Formação Permanente. No dia 9, na Faculdade de Ciências da Educação das FMA, no Auxilium, participou do solene juramento das alunas que terminaram os cursos. E no sábado, 11, presidiu a inauguração do Instituto de Pesquisa Educativa para toda a Alpe Ádria, na ilha de San Giorgio, em Veneza-Fundação Cini.

Dos dias 22 a 25 participou, em Ariccia, das reuniões anuais dos Superiores Gerais.

Finalmente, iniciou o mês de junho em Turim, nos dias 1 e 2, estando presente nas solenes celebrações do centenário do famoso Oratório do Martinetto, sob o nome do Cardeal Agostinho Richelmy.

4.2 Atividades dos Conselheiros

O Vigário do Reitor-Mor

No dia 26 de janeiro, o Vigário do Reitor-Mor, P. Juan Vecchi, viajou para a Índia, onde permaneceu até 21 de fevereiro. Em Madrasta e em Bangalore reuniu os diretores para apresentar o CG23. Em ambas as Inspetorias presidiu também a inauguração de obras significativas: em Madrasta, assistiu à bênção da casa inspetorial e do novo prédio para a escola primária e secundária no “Don Bosco Beatitudes Center”; em Bangalore lançou a primeira pedra das escolas profissionais para os meninos de rua.

Dedicou depois oito dias à Inspetoria de Dimapur, onde visitou as missões do

Assam, Nagaland e Manipur. Nas outras três Inspetorias, Bombaim, Calcutá e Guwahati, pôde estar menos tempo por causa dos horários dos aviões, que a guerra do Golfo tornara irregulares. Nessas inspetorias manteve contatos com grupos de irmãos e visitou algumas das casas de formação.

Voltando a Roma, fez a visita anual à Casa Geral, estendendo-se até o 10 de março.

Logo em seguida viajou para a Espanha, para pregar exercícios espirituais em Barcelona e em Madrid. Pôde também tomar parte da entrega das Constituições às VDB.

No período em que ficou na sede, participou de celebrações comunitárias em algumas Inspetorias italianas: na Inspetoria Central, do encontro dos formadores; na Lígure-Toscana, da festa da Família Salesiana; na Meridional, da festa da Comunidade inspetorial; na Romana, do encontro dos animadores da Família Salesiana; na Sicília, do encontro dos colaboradores leigos dos Centros de formação profissional; em Santeramo in Colle do 25º aniversário da Obra.

No dia 24 de maio participou em nome do Reitor-Mor da festa de Maria Auxiliadora em Turim.

O Conselheiro para a Formação

De 30 de dezembro a 5 de janeiro, o P. Nicolussi, da Formação, visitou o Estudantado teológico de Cremisan (Israel), que recebe 21 estudantes de nove Inspetorias, além de alguns alunos diocesanos. O Estudantado está filiado à UPS. Participou da reunião do "Curatorium", que conclui a verificação do "Projeto Cremisan", cuja finalidade é relançar o Estudantado a serviço da Congregação. Após uma experiência de quatro anos, avaliada positivamente, reafirma-se a validade desse centro de formação e a responsabilidade da Congregação para valorizá-lo.

De 7 a 14 de fevereiro visitou, com o Conselheiro Regional P. Britschu, as comunidades da formação inicial do Zaire. Assinalamos, na linha de coordenação desejada pelo CG23 (n. 310), a realização do "Curatorium" do Estudantado Teológico salesiano de Lubumbashi, Centro de formação teológica para os Salesianos de língua francesa na África. Em três anos de atividade, o Estudantado percorreu caminho positivo sob diferentes aspectos. Atualmente conta com 15 estudantes salesianos, além de um grupo pertencente a outras Congregações. Está preparando a documentação para se filiar à UPS.

Realizou, além disso, outras visitas a algumas Inspetorias para conhecer e animar a área formativa, especialmente por meio de contatos com as comunidades de formação inicial, com as Comissões para a formação e com os Conselhos inspetoriais: Venezuela (23 de fevereiro - 3 de março), Equador (3 - 11 de março), Bélgica Norte (16 - 20 de março), Bélgica Sul (20 - 22 de março). Nos dias 14 a 16 de março, no contexto da visita extraordinária à Inspetoria da Grã-Bretanha realizada pelo Conselheiro Regional, participou de um dia de reunião com o Conselho inspetorial e outro com a Comissão inspetorial para formação em Chertsey.

Em abril (1-13) acompanhou o Reitor-Mor na visita ao Togo e ao Benin. De particular interesse, além do contato com o noviciado e o pós-noviciado - Centro de estudos interinspetorial de Lomé, o encontro dos formadores aí realizado. Presidido pelo Reitor-Mor, com a participação do Conselho da Região Ibérica e de alguns Inspetores, o encontro se realizou de 4 a 6 de abril. Participaram 27 irmãos, vindos de 13 países da África Ocidental e Central, pertencentes a 11 Inspetorias. Foi realizada na perspectiva da orientação do CG23 que pede uma especial coordenação "para ajudar os irmãos que trabalham na África a tomarem consciência da cultura africana, de maneira a orientar de modo eficaz... em particular o processo formativo" (CG23, 310). O encontro ofereceu a possibilidade de partilhar as experiências

formativas, aprofundar os critérios, encontrar con-vergências e modalidades de coordenação e de colaboração no âmbito formativo, especialmente naquilo que refere à preparação ao noviciado e o ti-rocinio. A presença do Reitor-Mor e a fraterna responsável participação de todos contribuíram para tornar o encontro um momento significativo para a nossa ação formativa naqueles países.

De 18 a 26 de abril o Conselheiro para a Formação acompanhou o Reitor-Mor na visita às Inspetorias de Bratislava e Praga na Tchecoslováquia.

De 5 a 15 de maio presidiu no Salesianum (Roma), o Encontro sobre "Formação Permanente - CG23", do qual participaram 33 irmãos de 30 Inspetorias, escolhidos de acordo com os Conselheiros Regionais. Organizado para favorecer a assimilação e a realização da primeira deliberação do CG23, o encontro teve três momentos: o primeiro voltado ao conhecimento e à Reflexão sobre a situação e sobre as experiências de formação permanente na Congregação salesiana e em outras Congregações; o segundo, dedicado à partilha das experiências inspetoriais e interinspetoriais; o terceiro, voltado para a busca de convergências operacionais e à indicação de estratégias. Os aspectos aprofundados no terceiro momento foram: a comunidade local, lugar da formação permanente do salesiano; a formação permanente dos irmãos jovens e dos irmãos adultos; os animadores da formação permanente; estru-turas, equipes e instrumentos de formação permanente.

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

Nos meses de janeiro-maio de 91, o P. Luc Van Looy esteve em contato com muitas Inspetorias, tratando particularmente com Diretores de Obras e equipes de pastoral juvenil, em dias de estudos, encontros de reflexão e avaliação, exercícios espirituais e visitas de animação.

Nos dias depois do Natal de 1990 pregou dois cursos de exercícios espirituais aos Salesianos e às Filhas de Maria Auxiliadora na Coréia, sobre o tema "Comunidade salesiana e evangelização".

No Japão encontrou-se com os párcos e com a equipe de pastoral.

De 16 a 20 de janeiro visitou muitas Casas das Filipinas, encontrando-se, em nível inspetorial, com os encarregados da animação pastoral das Casas, tratando em várias ocasiões o tema da espiritualidade juvenil salesiana.

Na Itália, depois de ter celebrado a solenidade litúrgica de S. João Bosco em Reggio Emilia a 31 de janeiro, no dia seguinte participou do encontro de estudo sobre o tema "Uma escola adequada ao menino"; no dia 2 de fevereiro, participou da festa de Dom Bosco em Chieri.

Sucessivamente, de 4 a 9 de fevereiro, esteve na Polónia para um encontro com os Delegados inspetoriais para a pastoral juvenil e para dois dias de estudo sobre o Capítulo Geral com os Diretores das quatro Inspetorias polonesas.

De 27 de fevereiro a 8 de março esteve na Andaluzia (Espanha) para encontros com as equipes de pastoral de Córdoba e de Sevilha e, em seguida, pregar os exercícios espirituais aos Diretores das duas Inspetorias.

Durante a Semana Santa pregou os exercícios espirituais para 94 Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora e Cooperadores na Irlanda.

De 2 a 4 de abril dirigiu um curso para Diretores e irmãos da Inspetoria da Bélgica Sul. Logo em seguida viajou para Hong Kong, onde dirigiu, com o P. Thomas Panakezhm, oito dias de estudo para os Diretores dos países do Extremo Oriente sobre o tema "A realidade pastoral do Extremo Oriente e a educação dos jovens na fé". Neste encontro deu-se particular importância às aplicações concretas de alguns elementos do CG23. As conclusões formuladas pelos Diretores focalizaram a tarefa do Diretor como promotor de comunhão, no envolvimento dos colaboradores, na programação pastoral e na dispo-

nibilidade e abertura da comunidade às necessidades regionais.

Depois deste encontro com os Diretores teve a oportunidade de visitar e animar os irmãos de Hong Kong, Macau e Formosa.

“A escola técnica e o Centro de formação profissional” foi o tema de estudo para representantes dos países da Comunidade Européia, reunidos na Casa Geral de 24 a 26 de abril. Três dias ricos de presenças qualificadas, de atualização sobre a realidade européia a caminho. O Conselheiro para a Pastoral participou com muito interesse. Decidiu-se continuar o estudo promovendo uma pesquisa sobre “necessidades emergentes para a formação profissional dos jovens” e sobre a “formação dos leigos colaboradores, para responder a essa necessidade juvenil”.

Na primeira semana de maio o P. Van Looy esteve novamente na Polônia para encontros no Centro nacional de pastoral juvenil e com os Delegados inspetoriais para a Pastoral SDB e FMA, como também para uma avaliação sobre a experiência do ensino catequético nas escolas.

De volta a Roma, dedicou os dias 10, 11 e 12 a um segundo encontro europeu na Casa do Sagrado Coração, em preparação ao “Confronto 92”, com a participação de jovens, FMA e Salesianos.

Finalmente a etapa no continente africano. De 14 a 24 de maio visitou vários países que formam a grande Visitadoria da África Meridional, reunindo em lugares centrais os irmãos, com a finalidade de estudar a “Comunidade pastoral” segundo o CG23. Dirigiu depois, dentro do mesmo tema da comunidade pastoral, um encontro no Zâmbia e em seguida em Malta, voltando à Casa Geral na manhã de 2 de junho.

O Conselheiro para a Família Salesiana e para a Comunicação Social

Família Salesiana

A animação foi a finalidade da presença do Conselheiro em vários encontros

com “Grupos” diferentes, com o “conjunto” da Família Salesiana e com os “Responsáveis” inspetoriais e regionais, além do trabalho em Roma.

Participou com os *Ex-alunos* do Brasil, reunidos no Segundo Congresso Nacional Brasileiro (27-30 de abril de 1991), da preparação ao CONGRELAT de setembro, em Caracas.

Encontrou-se com todos os Presidentes das Uniões da Inspeção de Buenos Aires (18 de abril).

Esteve presente durante todo o tempo no Congresso Nacional da Associação de *Maria Auxiliadora* na Espanha, em Vigo, nos dias 1 a 5 de maio 1991. O tema do Congresso foi “*Maria Auxiliadora* e a Nova Evangelização”. Despertou grande interesse e indicou um caminho útil não só à Associação, mas a toda a Família.

Três encontros com as *Voluntárias de Dom Bosco*, em Cracóvia (6 de fevereiro 1991), em Buenos Aires (18 de abril de 1991) e em Campo Grande (23 de abril de 1991), serviram para melhorar o conhecimento do Instituto e para estudar juntos o trabalho cada vez mais empenhativo na linha da típica vocação das VDB.

Numerosos foram os encontros com os *Cooperadores*. As visitas feitas às várias Inspeções serviram para entrar em contato com os centros locais e inspetoriais.

Na Argentina visitou as Inspeções de Bahía Blanca (10-12 de abril), La Plata (15-16 de abril) e Buenos Aires (17 e 18 de abril).

No Brasil, as Inspeções de Porto Alegre (19 e 20 de abril), Campo Grande (21 a 24 de abril), Belo Horizonte (25 e 26 de abril) e São Paulo (27 a 29 de abril).

Na Itália encontrou o Grupo nacional de Coordenação, tratando de problemas organizativos e de formação.

O Delegado Central dos Cooperadores completou uma volta de animação visitando de 13 de fevereiro a 4 de março o Extremo Oriente: Japão, Coreia, Filipinas, Hong Kong-Macau e Tailândia.

Interessantes e importantes foram os encontros com os *Responsáveis pela Família Salesiana*.

Na Argentina, em Fortín Mercedes (13 e 14 de abril), reuniram-se os maiores responsáveis da Família Salesiana: Inspectores, Inspetoras, Coordenadores, Presidentes, Responsáveis VDB e de outros grupos da FS presentes na Argentina e da Região do Prata.

No Brasil, em Campo Grande (21 a 24 de abril), em dois momentos diferentes encontrou-se primeiro com os Inspetores e Inspetoras do Brasil salesiano, e depois com os responsáveis inspetoriais (Delegados, Delegadas, Coordenadores, Presidentes e responsáveis vários dos diferentes grupos) da FS.

Na Grã-Bretanha, em Farnborough (18 de maio) realizou-se uma reunião com o Inspetor Salesiano, a Inspetora das FMA e com o Delegado e a Delegada inspetoriais dos CCSS.

Na Polónia, nos dias 4 e 8 de fevereiro, o encontro com os Inspetores e membros dos Conselhos inspetoriais SDB e FMA permitiu tirar algumas conclusões do encontro anterior com todos os Diretores das quatro Inspetorias.

Em Salamanca, na Espanha, no dia 19 de março participou do dia da Família Salesiana local.

A realidade da Família Salesiana apresenta-se viva e variada nas diferentes partes do mundo.

O chamado do Conselho Geral no nº 336 dos Atos para reiniciar o "conjunto" e consolidar a presença da Família reconduz a um fundamento necessário da animação.

Comunicação Social

O primeiro trabalho do Conselho e dos seus colaboradores, em particular do Delegado Central, foi o de organizar o dicastério e fazer a programação. A administração ordinária continuou sua tarefa com todos os compromissos cotidianos ligados à comunicação da Congregação.

A atividade particular do Conselho foi a visita às Editoras, para possíveis intervenções de apoio e de renovação.

Na Itália encontrou várias vezes, durante este primeiro período, os responsáveis da SEI (9 de janeiro e 6 de maio), da LDC (9 de janeiro) e do CITS (9 de janeiro e 6 de maio) em Turim. Trata-se das primeiras estruturas salesianas que aprofundam suas raízes na animação e em decisões dos Reitores Maiores da Congregação.

Na Espanha visitou as duas Editoras de Barcelona (11-13 de janeiro) e de Madrid (22 de março), e respectivas tipografias e livrarias dependentes. Os encontros com os salesianos responsáveis pela estrutura e direção editorial, e com todos os organismos de administração e organização das duas Editoras, evidenciaram a validade da qualificação dos diferentes setores em que está dividida e pensada a própria Editora.

Na Polónia encontrou-se com os responsáveis das Editoras de Varsóvia (6 de fevereiro) e de Cracóvia (7 de fevereiro). O particular momento histórico, social e político, merece atenção especial para dar a justa orientação a um desenvolvimento que não faltará no setor da comunicação nos próximos anos.

Na Argentina visitou a Editora de Buenos Aires (17 e 18 de abril), a tipografia anexa e a livraria. Interessante a estrutura escolar, de formação para locutores de rádio e televisão e para futuros jornalistas: o Cosal.

No Brasil visitou em Porto Alegre o Centro Gaúcho de Audiovisuais (19 e 20 de abril): um serviço educativo, catequético e promocional muito apreciado.

Em Belo Horizonte visitou o Centro Salesiano de Videocassete (26 de abril): com estrutura moderna e organização estudada também nos detalhes.

Em São Paulo (29 de abril) visitou a Editora, a Tipografia e a Escola anexa para jovens aprendizes.

Em Campo Grande (21 a 24 de abril) visitou a estrutura que a Inspetoria montou para a comunicação alternativa.

Um momento significativo para a comunicação social no Brasil foi o encontro

com os Inspetores e Inspetoras, reunidos em Campo Grande, num encontro entre SDB e FMA, sobre o tema "Comunicação social e compromisso responsável dos dois Institutos".

Um último aspecto para lembrar: em todas as Inspetorias o Conselheiro Geral interessou-se pelo Boletim Salesiano nacional: redação, compromisso das Inspetorias para colaborar concretamente na composição do BS, difusão e partilha com toda a FS e em particular com as FMA no desenvolvimento e na consolidação do Boletim.

O Conselheiro para as Missões

As atividades do Conselheiro para as Missões, desde o mês de novembro de 1990 até o final de maio deste ano, referem-se a visitas às Procuradorias Salesianas, encontros de animação missionária, seminários e congressos internacionais, visitas específicas e algumas Missões, e publicações. Eis um apanhado.

No final de 1990 o P. Odorico visitou pela primeira vez as Procuradorias de Madrid, Bonn, New Rochelle e Canadá. Em abril conheceu também o Comide, na Bélgica. Nessas visitas interessou-se pessoalmente pelo funcionamento das Procuradorias, os diferentes projetos e a situação da animação missionária. Durante a estadia nos EUA fez também uma visita a Los Angeles (Inspetoria dos Oeste), que juridicamente está encarregada da presença salesiana na Serra Leoa.

Em janeiro, depois de breve permanência de animação missionária em Portugal, visitou as Missões de Moçambique, com o Regional da Região Ibérica. Constatou a trágica situação econômica, social, cultural, política e religiosa daquele país. Na esperança de uma paz bem próxima, os Salesianos se preparam para uma diversificação das presenças e para um trabalho mais intenso em favor das vocações locais.

No começo de fevereiro participou em Lima (Peru), do 4º Congresso missionário Latino-americano - COMLA IV - junto com 40 Salesianos Delegados inspetoriais da animação missionária de toda a América Latina. O Congresso insistiu muito sobre a responsabilidade da América Latina nos projetos missionários do Continente, além de lançar um generoso apelo para um empenho "ad gentes". Depois do congresso, presidiu o primeiro encontro latino-americano dos Delegados inspetoriais de animação missionária, em que se fez uma apresentação do trabalho e das tarefas do Delegado, das diferentes atividades de animação missionária e da estrutura que a mesma implica. Os conteúdos do encontro serão publicados brevemente. Na América Latina, como já na Europa, a animação missionária inspetorial está bem encaminhada em nível organizativo. Em fevereiro fez também uma breve visita ao Vicariato de Puerto Ayacucho (Venezuela) e uma visita de animação a Malta, Delegação encarregada do projeto missionário na Tunísia.

No mês de março até o início de abril, visitou as Missões da Inspetoria de Bombaim e da Inspetoria de Guwahati. Pôde constatar com alegria a beleza de consideráveis progressos missionários inspetoriais, pela quantidade de presenças, pela qualidade da evangelização (primeira evangelização e re-evangelização), pela reflexão científica, pelo enorme esforço em favor da educação, promoção humana, pelo espírito de generosidade dos Missionários, e pelos abundantes frutos vocacionais.

Em meados de abril coordenou, em Bruxelas, na Bélgica, o encontro de 50 Procuradores e Delegados inspetoriais de animação missionária da Europa e da América do Norte sobre o tema: *Leitura missionária no contexto do CG23*. O enfoque missionário do documento capitular e a riqueza das diferentes contribuições internacionais, enriqueceu muito a qualidade do encontro. Os conteúdos serão em breve publicados pelo Dicastério.

Na segunda metade de maio, o Conselheiro fez uma visita às Missões salesianas do Equador, onde pôde visitar todas as Missões e encontrar pessoalmente os irmãos missionários. A primeira evangelização já terminou, a qualidade da implantação da Igreja é notável, as iniciativas de promoção humana são originais. Além de todas as atividades lembradas, teve vários encontros de animação missionária especialmente com o pessoal em formação.

Dia 1º de junho voltou para Roma.

O Ecônomo geral

No dia 16 de janeiro participou do Conselho inspetorial da Inspeção Romana para a reestruturação do presbitério do Templo de São João Bosco, em Roma.

Em Mestre, Veneza, no Conselho inspetorial da Vêneto-Leste, a 21 de janeiro, é informado da situação econômica da nova Obra de Mestre.

No Mosteiro das Visitandinas em Treviso a 23 de janeiro participa da festa de São Francisco de Sales com a Família Salesiana do Vêneto-Leste.

Festeja São João Bosco - 31 de janeiro - com as comunidades de S. Tarcísio e S. Calisto em Roma. Na celebração eucarística recebe a profissão temporária de dois jovens irmãos.

Encontra-se com os Diretores, os Párcos e os Ecônomos locais da Vêneto-Leste, a 11 de fevereiro, em Mestre, Veneza, e lhes fala sobre a "Prestação de contas administrativa".

A 17 de fevereiro, em Lugano (Suíça), participa do 25º aniversário da fundação da "Obra Dom Bosco para os países em desenvolvimento".

De 22 de fevereiro a 13 de março esteve no Brasil, onde se encontrou com os Ecônomos inspetoriais das Inspetorias brasileiras, em Campos do Jordão (São Paulo), presentes os Ecônomos daquela Inspeção e colaboradores leigos. Trata do tema: administrar os bens na Congre-

gação, com atenção particular à Prestação de Contas administrativas. Encontra depois em São Paulo os Diretores da Inspeção e fala sobre o Diretor e a administração dos bens materiais da comunidade. Visita três Inspetorias. Na de Campo Grande aborda temas administrativos, com os Diretores e os Ecônomos locais. Em Manaus, durante a visita, encontrou-se com os Ecônomos locais reunidos para um dia de estudo sobre temas administrativos. Finalmente, visita algumas obras da Inspeção de Recife.

Realiza, ainda, uma visita à Bélgica, do Norte, de 16 a 22 de abril. Com o Conselho Inspeção examina e discute a situação econômica da Inspeção e de cada Casa. Durante a visita às Casas tem a possibilidade também de um encontro com os Ecônomos locais, em Antuérpia.

Dia 16 de maio realiza uma peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Monte Santo, Nova Górica (IU), com um grupo de irmãos da Vêneto-Leste.

Em Mestre, Veneza, de 17 a 18 de maio, participa da reunião dos Ecônomos inspetoriais da CISI-Itália.

A 25 de maio, por ocasião da celebração da festa de Nossa Senhora Auxiliadora no Gerini de Roma, está presente à homenagem ao marquês Alessandro Gerini, fundador do Instituto, no primeiro aniversário da morte, com o descobrimento de uma inscrição comemorativa.

O Conselheiro Regional para a América Latina — Atlântico

O P. Carlos Techera começa o primeiro semestre de 1991 acompanhando um grupo de SDB, FMA, CCSS e Jovens que estavam reunidos na comunidade de Uribellarea (Argentina) para o trabalho de preparação do bonito material sobre a espiritualidade juvenil salesiana, destinado depois a ser utilizado pelos diferentes grupos do Movimento Juvenil Salesiano do Prata. Viaja depois até Córdoba,

onde encontra 180 jovens dirigentes de diferentes grupos das nossas obras fazendo uma experiência de convivência e de estudo da espiritualidade juvenil salesiana. Duas bonitas experiências na linha do CG23! Utiliza depois o resto do mês de janeiro na visita aos irmãos da Patagônia austral, da Terra do Fogo e Comodoro Rivadavia.

No mês de fevereiro participa em Lima do 4º Congresso missionário latino-americano, que se desdobra depois com a primeira reunião dos Delegados da animação missionária das Inspetorias da América Latina, reunião presidida pelo Conselheiro para as Missões, P. Odorico. Também esta foi uma experiência muito válida e de grande futuro para as Igrejas particulares nesse Continente e para a vocação salesiana dessas Inspetorias.

Depois de Lima, encontra-se no Uruguai com 150 jovens animadores de Oratórios, reunidos para estudar e melhorar o serviço de animação apostólica em tantos oratórios desse país.

A 21 de fevereiro está em São Paulo para participar da reunião, presidida pelo P. Omero Paron, dos Ecônomos Inspetoriais do Brasil, junto com vários outros irmãos e leigos que trabalham no setor.

Depois, volta à Argentina, e na Inspetoria de Córdoba inicia a visita extraordinária que o empenhará até o mês de maio.

Nos dias 13 e 14 de abril encontra-se em Fortín Mercedes, onde se reúnem Inspetores, Inspetoras e representantes dos diferentes grupos da Família Salesiana do Prata, com a presença do P. Antonio Martinelli e Madre Ciri Hernández, do Conselho Geral das FMA. Estudou-se o tema: "A Família Salesiana diante dos desafios da Nova Evangelização". Sempre em Fortín Mercedes, nos dias 15 a 17 de abril, os formadores do Prata estudam o tema do salesiano presbítero. Em seguida, de 18 a 20 de abril, o Regional preside a Conferência inspetorial do Prata, onde o tema principal estudado foi o da formação permanente nas Inspetorias após o CG23.

Outro encontro é em Campo Grande, Brasil, com os Inspetores e as Inspetoras e a participação também de três Madres do Conselho Geral FMA e do Conselheiro para a Família Salesiana, P. Martinelli. Logo após, realiza-se o encontro dos formadores do Brasil, tendo como tema a formação permanente e o CG23. Depois deste encontro, o Regional preside a Conferência Inspetorial do Brasil, onde se trocaram idéias e se avaliaram várias propostas para a aplicação do CG23 e começa-se a pensar na preparação para os próximos Capítulos inspetoriais. Sempre no Brasil, nos dias 27 e 28 de abril participa em São Paulo do 2º Congresso Nacional dos Ex-alunos em preparação ao próximo Congresso latino-americano de Caracas.

Terminada a visita extraordinária em Córdoba, Argentina, depois de alguns dias passados com os pais doentes, o P. Techera volta a Roma, trazendo a impressão geral (tida nos vários encontros) de crescimento da vocação salesiana e sobretudo de um sério empenho de aplicar na vida as orientações dadas pelo CG23, com claros objetivos de maior profundidade de vida, maior qualidade pastoral, melhor serviço às Igrejas particulares (quanto a isso, especialmente na Inspetoria de Córdoba, o Regional percebeu grande apreço por parte do Bispo e dos leigos no trabalho salesiano), e com propósitos de maior empenho de trabalhar como Família Salesiana.

O Conselheiro regional para a América Latina - Pacífico-Caribe

No período de janeiro a maio 91, o Conselheiro para a Região Pacífico-Caribe visitou oito Inspetorias.

Depois do amplo giro feito nos diferentes países visitados, constata que em geral a polarização "riqueza-miséria" se agrava cada vez mais. Está-se reduzindo, no entanto, a geografia da violência, exceto na Colômbia e no Peru onde parece ter aumentado ultimamente. Parece que to-

dos os esforços de modernização de dezenas de países latino-americanos tenham naufragado. A América Latina pode contar só com suas próprias forças para sair desta situação.

É diante desta realidade que se situam os Salesianos.

1. No *México* os Salesianos estão empenhados com toda a Família Salesiana para celebrar o centenário da chegada dos SDB (1992) e das FMA (1994) com uma grande missão juvenil em todo o país.

2. Nas Antilhas:

- Na *República Dominicana*, onde tomou posse o novo Inspetor (P. Juan Linares), percebe-se uma nova energia evangelizadora, às vésperas do grande acontecimento do V Centenário da Evangelização do Continente e da realização da 4ª Assembléia do CELAM.

- *Porto Rico* é uma Delegação rica de obras de estilo popular em regiões de conflito, com uma projeção educativo-pastoral extraordinária.

- Por duas vezes, nestes meses, o Regional visitou o *Haiti*. Os irmãos e as FMA vivem com tranquilidade, mesmo que as incógnitas para o país e para a Igreja não tenham desaparecido totalmente. As dificuldades pelas quais passaram os nossos irmãos reforçaram sua comunhão fraterna e apostólica. Cresceram em sensibilidade e espírito de abnegação.

3. Na *Venezuela* o Regional esteve 12 dias. Pôde conhecer todas as obras que ainda não visitara e conseguiu chegar até o Vicariato de Porto Ayacucho, onde reside Dom Ignacio Velasco. No mês de setembro realizar-se-á em Caracas o CONGRELAT (Congresso Latino-Americano dos Ex-alunos). A Família Salesiana trabalha unida.

4. A *Colômbia* vive um momento importante em sua história: está realizando a reforma da Constituição. Pensando nesta reforma, a Igreja fez seis claras propostas sobre a vida, a educação, a família, etc. A "guerra suja" do "narco-terrorismo" continua a matar. Os Salesianos respondem com seu trabalho em prol dos mais pobres:

"gamins" (meninos de rua) e jovens infratores e dos bairros de periferia. Além disso, as missões no Chocó e no Ariari tornam dinâmicas do ponto de vista missionário as duas Inspetorias. Deve-se também evidenciar o Santuário do Menino Jesus em Bogotá, com a difusão da boa imprensa e o serviço social, que são verdadeiramente espetaculares, assim como a devoção a N.S. Auxiliadora em todo o país.

5. No *Equador*: o Centro Regional de Formação Permanente organizou vários cursos para as Inspetorias. Significativo aquele realizado para os Salesianos Coadjuutores em San Salvador e em Lima. O Regional esteve com os missionários do Vicariato de Méndez e visitou algumas casas das missões andinas ("misiones de altura"). A Inspetoria possui obras vigorosas! Aqui o P. García realizou a consulta para a nomeação do Inspetor.

6. No *Peru* o Regional fez a visita extraordinária. Em condições adversas (terrorismo, pobreza gritante, tremores de terra, cólera...) os nossos irmãos dão exemplo de dedicação e de trabalho. Ajudam-se e multiplicam as "Casas Don Bosco", pensões para meninos que vêm estudar na cidade e fogem da insegurança dos campos. Mas sobretudo cresce o carisma oratoriano!

O Regional guarda como imagem positiva da Região a deixada pelos irmãos do Peru: uma Inspetoria que responde aos grandes desafios "refundando o carisma do oratório". Onde se planta o Oratório desaparece a violência e se promove a cultura da vida e a solidariedade. Nasce a esperança.

O Conselheiro para a Região de Língua Inglesa

Durante os últimos meses o Conselheiro geral para a Região de Língua Inglesa realizou a visita extraordinária na Grã-Bretanha. Começou a visita na metade de janeiro e concluiu-a na metade de maio. Aproveitando o fechamento das escolas no período da Páscoa e o fato de que

muitos irmãos estavam fazendo os exercícios espirituais, visitou os Salesianos na Serra Leoa e na Libéria.

O Visitador observou como na Grã-Bretanha, bem como em outros países da Europa Ocidental, refletem-se aspectos negativos da vida cristã, sobretudo a crise das vocações. Ficou satisfeito, porém, em observar que os Salesianos, que sofrem evidentemente pela falta de vocações, entram com fé e zelo no decênio da nova evangelização, proclamado em todo o país por todas as Igrejas cristãs. Alguns bispos informaram o Visitador como as nossas paróquias dão provas de vitalidade e, enquanto o contexto nacional demonstra uma diminuição notável de presenças na Missa (20% nos últimos seis anos numa das grandes arquidioceses, por ex.), está acontecendo o contrário nalgumas paróquias onde trabalham os Salesianos. E isto apesar de trabalharem em bairros pobres, onde tudo leva ao afastamento da Igreja. Certamente o decênio que se abre não será fácil: a Inspetoria envelheceu e o número dos Salesianos diminuiu; mas ao mesmo tempo estão se promovendo com coragem novas iniciativas, sobretudo na Libéria.

O Regional pôde passar alguns dias na Libéria. Mas para lá chegar foi preciso ter paciência: ver cancelado um voo na última hora, voltar no outro dia, esperar... Pôde viajar com um "Air Cargo Liberia", em meio a pacotes e malas, com excessivo número de passageiros. Tudo isso é nada, porém, em comparação com o que os Salesianos suportam na Monróvia. Sem luz, água corrente, com um mínimo de alimento, vivem alegremente, fazendo preparativos para acolher um grupo de meninos de rua, e para iniciar um Oratório, coisas já realizadas. Durante a visita havia só 5 salesianos na Libéria, mas antes do fechamento da Visita canônica partiram para Monróvia outros dois e duas voluntárias, ambas Cooperadoras.

Uma semana passada em Lungui, na Serra Leoa, permitiu ao Visitador ver os sacrifícios feitos também aí pelos Salesianos que levam adiante o trabalho da missão, especialmente na escola secundária, construída por um dos dois coadjutores

que junto com um sacerdote formam a única nossa presença na Serra Leoa. É um país bem mais pobre que a Libéria, mas não faltam possibilidades: faltam os operários. Foi, pois, uma boa notícia para o Visitador saber que dentro de pouco tempo chegará outro sacerdote.

Terminada a Visita extraordinária com uma reunião dos membros do Conselho inspetorial, nos dias 9-10 de maio, e de todos os Diretores, nos dias 11-12, o Regional voltou à Casa geral no dia 18.

O Conselho Regional para a Ásia

O Conselheiro Regional para a Ásia, deixando Roma a 22 de dezembro de 1990, viajou logo para a Tailândia para iniciar a visita extraordinária naquela Inspetoria, que tem como padroeiro S. Paulo. A visita terminou a 22 de fevereiro. Dado o período escolhido, o Visitador participou da festa de Natal naquele país onde 95% são budistas. De fato só 400.000 são católicos; porém a presença da Igreja não é insignificante. Os Salesianos realizam um bonito trabalho através das escolas, especialmente das escolas profissionais.

Terminada a visita a Bangkok, o P. Tomás Panakezhram presidiu uma reunião dos Inspetores da Índia, em Calcutá, de 25 a 27 de fevereiro: nesta reunião discutiram-se alguns problemas das escolas profissionais, da formação específica dos irmãos coadjutores, da programação de uma assembléia de salesianos coadjutores da Índia para o mês de outubro de 1992, e de uma equipe de educadores para a Índia. Em seguida, o P. Tomás visitou algumas comunidades de Calcutá, como o noviciado, em Siliguri, e o pós-noviciado, em Sonada.

Em seguida, o Regional viajou até Hong Kong, para preparar a viagem até o Vietnã, onde devia realizar a visita extraordinária. Saindo a 12 de março, ficou no Vietnã até 5 de abril. Por falta de licença das autoridades, o Visitador não pôde hospedar-se nas casas salesianas; conseguiu, porém, encontrar-se com todos os

irmãos e noviços. No Vietnã, temos 87 salesianos e 10 noviços. Pode-se dizer que em todos os lugares o governo aprecia o trabalho dos Salesianos pelos mais pobres. Também com o Visitador as autoridades foram gentis e compreensivas. Mas por causa das restrições do governo em ordenar sacerdotes os religiosos, 13 nossos diáconos esperam já há 17 anos poderem ser ordenados padres. Estes diáconos e os outros clérigos que já terminaram os estudos teológicos pedem a todos os leitores destes Atos uma especial oração por eles e pelo Vietnã.

De 7 a 12 de abril o Regional participou da reunião dos Diretores do Extremo Oriente que se realizou em Cheung Chan, na Inspeção de Hong Kong, com a presença do Conselheiro para a Pastoral Juvenil, P. Luc Van Looy. Logo depois, com o P. Van Looy e com o Inspetor P. João Zen, visitou outras casas na ilha de Taiwan e participou da celebração das bodas de diamante do P. Pedro Pomati, um missionário veterano na China.

De 22 a 27 de maio o P. Panakezhm esteve novamente na Índia. Visitou algumas presenças salesianas em Nova Délhi, na Inspeção de Calcutá, as novas presenças da Inspeção de Madrastra, especialmente aquelas que se encontram no Sul, como também as novas presenças da Inspeção de Bangalore. Pôde assim constatar o desenvolvimento das obras nessas Inspeções.

A 25 de maio recebeu 18 primeiras profissões em Nashi e 7 profissões perpétuas em Matunga, na Inspeção de Bombaim.

A 28 de maio o Regional voltava para Roma.

O Conselheiro Regional para o Centro-Europa e para a África Central

Ao lado das assim chamadas "visitas extraordinárias", no sentido jurídico da palavra, apareceram outras visitas não menos extraordinárias, favorecidas por

circunstâncias fortuitas. Por exemplo, a visita realizada pelo P. Domingos Britschu durante o mês de maio à Inspeção de Bratislava. Com liberdade de movimentos e de encontros, o Conselheiro conseguiu retomar o contato com numerosos irmãos que encontrara anos atrás em plena clandestinidade. Esta Inspeção conta atualmente 175 irmãos, mais uns vinte noviços que nos primeiros dias de agosto farão sua primeira profissão. Deve-se dizer que pelo menos 15% dos irmãos desenvolvem vida comunitária regular. Com muita dificuldade se consegue recompor alguma comunidade. Isto deve-se em grande parte às dificuldades de se recuperar as obras tomadas pelo Estado em 1950. Existe também a situação dramática em que se encontra a Igreja na Tchecoslováquia: numerosas paróquias ficaram durante anos sem padres. Os nossos irmãos foram chamados a darem sua contribuição na revitalização das paróquias.

Outra visita foi feita à parte flamenga da Bélgica. Iniciou na cidade de Groot-Bijgaarden onde se reuniram todos os Diretores das Comunidades com seus Vigários ao redor do Inspetor e seu Conselho. Durante dois dias debateram as prioridades que empenharão a Inspeção nos próximos meses. Este encontro foi a primeira avaliação das deliberações do Capítulo Geral e ao mesmo tempo uma preparação remota para o próximo Capítulo inspeccional de 1992. A visita do Conselheiro continuou depois deste encontro e permitiu confrontar, em nível de cada comunidade, os assuntos debatidos com a realidade vivida.

Um trabalho semelhante tinha sido realizado, no final de dezembro pelas três Inspeções de língua francesa reunidas em Francheville, perto de Lião. Também as Inspeções de língua alemã trabalharam neste sentido. Os esforços foram depois retomados na reunião interinspeccional de Berlim, na metade de maio; de cuja reunião participaram as Inspeções de Praga e de Bratislava, de Budapeste, de Lubiana e de Zagábria, e também as Ins-

petorias de Bruxelas e de Lião. Algo se move, ao que parece, na Europa Salesiana.

Ao lado desses encontros com as lideranças salesianas, o P. Britschu conseguiu inserir em seu programa de viagens pela Região outros contatos, mais breves mas não menos importantes, com os membros da Família Salesiana e com os irmãos da Bélgica e da França, da Holanda, da Suíça e da Alemanha. As duas Inspetorias alemãs estão para abrir novas presenças salesianas na ex-Alemanha Oriental, em Heiligenstadt e em Chemnitz.

Alusão particular deve ser feita à breve visita realizada no Zaire aos irmãos das Casas de Formação de Kansebula e de Lumumbashi. O estudantado de teologia está para ganhar velocidade de cruzeiro com uns trinta estudantes. Junto com seus professores eles manifestam gratidão e reconhecimento às Inspetorias europeias que contribuíram para a construção e a compra do material necessário (ainda a ser completado) para este novo Centro Africano de estudos superiores e de formação salesiana.

O Conselheiro Regional para Portugal e Espanha

A atividade destes meses do Conselheiro para a região Ibérica concentrou-se particularmente nas duas visitas extraordinárias às Inspetorias de Portugal (POR) e de Bilbao (SBI).

Os trabalhos da visita a Portugal iniciaram a 2 de janeiro e concluíram com a reunião dos Diretores e do Conselho inspetorial, a 16 de março. Na visita às Casas de Portugal foram incluídas, como é lógico, as casas dos países africanos que dependem dessa Inspetoria: Moçambique e Cabo Verde. Sua visita a Moçambique coincidiu com a do Conselheiro para as Missões, P. Luciano Odorico; juntos eles pregaram os exercícios espirituais aos irmãos e às FMA.

Concluída a visita à Inspetoria de Portugal, nos dias 19 e 20 de março, o

regional reuniu a Conferência Ibérica em Madri.

No dia 22 de março partiu para o Benin (África) para iniciar a visita à Inspetoria de Bilbao. Dedicou uma dezena de dias, de 24 de março a 3 de abril, à visita das quatro comunidades do Benin. Encontrou, infelizmente, algumas dificuldades sociais por causa das eleições presidenciais, que se realizaram a 24 de março, em segundo escrutínio.

Nos dias 4 e 6 de abril o Regional acompanhou o Reitor-Mor e o Conselheiro para a Formação nas reuniões sobre a formação realizadas em Lomé (Togo). No dia 7 participou da inauguração da Igreja de "Maria Auxiliadora" de Lomé.

No dia 7 de abril voltava a Bilbao, Espanha, para continuar a visita extraordinária, que prolongou até o final de maio, quando se concluiu a reunião dos Diretores e do Conselho inspetorial.

Destaque-se nos dias 1 a 4 de maio a participação ao IV Congresso nacional de Maria Auxiliadora que reuniu mais de 1500 devotos pertencentes, em sua maioria, às Associações de Maria Auxiliadora, da Espanha e Portugal.

Finalmente, no dia 1º de junho, participou das ordenações deste ano na Inspetoria de Bilbao: 5 sacerdotes e 8 diáconos. Um bonito número e muita esperança.

O Conselheiro Regional para a Itália e o Oriente Médio

A maior parte do tempo foi tomada pelas visitas extraordinárias à Inspetoria Central (23 de novembro a 15 de março) e à Inspetoria Romana (16 de março a 9 de junho).

Durante as visitas o Regional presidiu encontros significativos dos Conselhos inspetoriais (salesianos, cooperadores, ex-alunos), da assembléia dos Diretores, dos párocos e de outras categorias de irmãos.

As duas visitas forneceram também ocasião para apresentar a consulta para a

escolha dos dois novos Inspectores chamados este ano a sucederem ao P. Angelo Viganó (ICE) e ao P. Hilário Spera (IRO). Nestas circunstâncias, o Visitador ilustrou as modalidades de trabalho do Conselho Geral e o grande peso que se dá às consultas, meio de discernimento indispensável e também muito eficaz, especialmente quando (pela grande participação e capacidade de convergência) consegue expressar com clareza a avaliação dos irmãos.

Com a finalidade de criar comunhão entre as comunidades salesianas e o sucessor de Dom Bosco e seu Conselho, o Visitador sublinhou em todas as comunidades as prioridades que, à Luz do CG23, o Conselho Geral fixou para este sexênio: Formação, Nova Evangelização, Projeto Leigos, Vocações.

O Regional também esteve presente em momentos significativos da CISI:

- Reunião da Presidência (de 7 a 9 de janeiro), que incluía também um encontro com a CII das FMA, para uma troca de idéias sobre elementos de interesse comum, em nível nacional, afluídos nos Capítulos Gerais dos dois Institutos.

- Assembléia (20 e 21 de maio), com grande participação dos formadores, sobre o tema "Vida dos jovens irmãos durante o inteiro tempo de formação".

Esteve presente no 50º aniversário do Instituto "Bernardi Semeria" do Colle Don Bosco (27 de janeiro) e, com o Reitor-Mor, na inauguração do ISRE (Istituto Superiore di Ricerca Educativa), instituído pela Inspetoria Vêneta Leste na ilha de San Giorgio de Veneza (11 de maio).

No dia 2 de março, em Turim, participou da assembléia nacional do VIS (Voluntariado Internacional Salesiano); a 8 de abril, em Roma, da reunião preparatória da Conferência nacional sobre marginalização, prevista para o mês de novembro de 1991; a 13 de abril na Pisana, do Conselho nacional dos ex-alunos, em reunião para a aprovação do regulamento nacional; a 12 de maio, na mesma sede, participou do encontro dos salesianos, escolhidos para acompanhar os jovens, para o voluntariado missionário breve, previs-

to para o verão europeu; a 19 de maio, ainda na Pisana, da assembléia presidida pelo Reitor-Mor, dos Inspectores que têm obras em Madagascar, com a presença do P. Zuppini, delegado do Reitor-Mor para o país malgaxe.

Esteve presente à "Festa dos jovens" na Inspetoria de Verona (Schio a 17 de março), na Inspetoria Romana (Latina a 14 de abril), no Auxilium para S. Maria Mazzarello (13 de maio), no Templo de Dom Bosco para a solene procissão de Nossa Senhora Auxiliadora (26 de maio).

O Delegado do Reitor-Mor para a Polônia

O P. Augustyn Dziedziel, Delegado do Reitor-Mor para a Polónia deixou Roma a 22 de dezembro para ir à Polónia, onde dedicou a maior parte do tempo à visita extraordinária à Inspetoria "São João Bosco", com sede em Wroclaw.

Outros compromissos foram acrescentados à visita extraordinária. Em particular, o Delegado acompanhou os Conselheiros P. Luc Van Looy e o P. Antonio Martinelli em visitas de animação na Polónia. Juntamente com esses dois Conselheiros, presidiu a reunião de todos os Diretores das quatro Inspetorias da Polónia para estudar os problemas correspondentes aos respectivos setores de atividade (Pastoral Juvenil, Família Salesiana e Comunicação Social). Por duas vezes, ainda reuniu os Inspectores da Polónia para estudar com eles a nova situação e as possibilidades de desenvolvimento das obras salesianas no país. Também convocou e presidiu a Conferência inspetorial, dedicada aos problemas da formação inicial. Fez visitas de animação, em particular às comunidades formadoras e às presenças ou grupos da Família Salesiana.

O Delegado dedicou depois quase todo o mês de maio a uma visita à URSS (Bielorússia, Letónia, Lituânia, Ucrânia). Pôde assim conversar com quase todos os irmãos e os grupos de Família Salesiana presentes na URSS, realizando com eles -

entre outras coisas - os retiros mensais. Teve a alegria de aceitar as profissões de dois irmãos e de participar da ordenação sacerdotal de um dos três novos sacerdotes que haverá neste ano. Visitou também os Bispos das Dioceses, já existentes ou novas, nas quais trabalham os irmãos. Os

Bispos fizeram algumas propostas à Congregação.

Novamente na Polônia, reuniu os Inspectores para estudar com eles a possibilidade de ajuda para as necessidades mais urgentes.

No dia 1º de junho voltava para Roma.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 O sesquicentenário da ordenação sacerdotal de S. João Bosco

No dia 5 de junho de 1991 comemorou-se solenemente o sesquicentenário da ordenação sacerdotal de Dom Bosco. O Reitor-Mor e o inteiro Conselho geral participaram da especial celebração eucarística organizada no Templo de São João Bosco, em Roma. Estavam presentes numerosos irmãos salesianos da Inspeção Romana (uns duzentos os irmãos concelebrantes), a Vigária das FMA com algumas Conselheiras gerais, muitos membros da Família Salesiana (VDB, Cooperadores e Ex-alunos) e muitas pessoas - sobretudo da paróquia - reunidas para homenagear Dom Bosco.

Reproduzimos a homilia do Reitor-Mor, dirigida particularmente aos membros da Grande Família Salesiana, portadores do carisma que o Senhor quis fazer crescer na Igreja pelo coração de Dom Bosco padre.

A antífona do início da celebração eucarística em honra de S. João Bosco, em seu "dies natalis", traz uma bonita expressão do 1º Livro dos Reis: "Deu-lhe Deus sabedoria e prudência, e um coração vasto como a areia da praia do mar".

Esta significativa afirmação refere-se, mais do que aos dotes naturais de Dom Bosco, à inabitação nele do Espírito Santo, com múltiplos dons que o acompanharam em sua missão. Depois de cem anos de sua morte, o Papa João Paulo II sintetizou-lhe a figura histórica definindo-o "gênio do coração".

Comemorando hoje o sesquicentenário de sua ordenação sacerdotal, aqui neste bonito templo construído em sua honra na cidade de Roma, podemos perguntar qual é o acontecimento de sua vida que imprimiu tanta magnanimidade em seu coração. Acredito que a comemoração de hoje nos sugere a resposta. A ordenação sacerdotal de 5 de junho de 1841 consagrou-o sacerdote da Nova Aliança, ou seja, ministro de Cristo-

Pastor eterno, Chefe do Corpo Místico que é a Igreja.

Quem é ordenado sacerdote - afirma o Concílio - é tomado dos homens e constituído em favor dos homens para uma missão universal de salvação; é promovido ao serviço de Cristo, Mestre e Sacerdote e Rei, e revestido de um sagrado poder pelo qual pode agir em nome e na pessoa de Cristo-Chefe. A plenitude deste dom foi confiada pelo Senhor aos Apóstolos e aos seus sucessores, os Bispos, com a missão de apascentar e aumentar o rebanho através do tríplice ministério da Profecia, da Liturgia e da Comunidade. Os presbíteros participam deste mesmo poder sacramental, como colaboradores da ordem episcopal.

A ordenação sacerdotal, pois, colocou Dom Bosco no centro da missão da Igreja no mundo e encheu seu coração com especiais carismas em prol da obra de salvação. A graça sacramental da Ordem chama-se "caridade pastoral"; ela une profundamente o ordenado a Cristo-Bom Pastor, enriquecendo-o com possibilidades de bem para os outros.

Tentemos captar alguns aspectos na vida sacerdotal de Dom Bosco.

Os anos juvenis que precederam sua ordenação foram um caminho de procura e de preparação; os decênios que a seguiram foram uma generosa e fecunda demonstração; justamente depois se disse dele que foi, sempre e em tudo, um verdadeiro padre.

Demos um rápido olhar, antes, aos sentimentos pessoais dele, escritos, nos anos da maturidade, sobre este acontecimento; e, depois, à nossa reflexão que vê projetadas as riquezas na permanência de seu carisma.

Na memória de seus anos de maturidade

Dom Bosco mesmo nos dá a possibilidade de penetrar o que pensava de sua ordenação sacerdotal.

Aquele 5 de junho de 1841 era sábado, vigília da festa da SS. Trindade. O dia seguinte, domingo, ele celebrou a primei-

ra Missa na igreja de S. Francisco de Assis, em Turim, com o P. Cafasso; na segunda-feira celebrou-a no santuário da Consolata com profunda devoção a Nossa Senhora, que ele considerava Mestra e Guia de sua vocação; na terça e quarta-feira fez isso em Chieri onde tinha tantos motivos de gratidão; finalmente na quinta-feira - festa do Corpo de Deus - celebrou-a em sua paróquia de Castelnuovo, com grande solenidade e alegria familiar e popular.

Naquela tarde, voltando aos Becchi, para junto da Mãe e dos parentes - como ele mesmo escreve - "quando cheguei perto da casa e vi o lugar do sonho dos nove anos não pude conter as lágrimas e disse: 'Quão maravilhosos são os desígnios da divina Providência!'".

Nos cinco meses seguintes, tempo de férias, realizou seu ministério sacerdotal em sua paróquia como vice-pároco.

Na quarta-feira, 3 de novembro, seguindo o conselho do P. Cafasso, transferiu-se para o *Convitto Ecclesiático* de S. Francisco de Assis, em Turim, para completar sua formação: "Aqui (no *Convitto*) - escreve - aprende-se a ser padre". O P. Cafasso iniciou-o no conhecimento da realidade social, sobretudo juvenil, nas prisões, nas praças e pelas ruas. Esta experiência formativa impressionou-o fortemente e encaminhou-o para ser o "padre para os jovens".

Na quarta-feira, 8 de dezembro - um mês depois -, solenidade da Imaculada, houve o famoso encontro com Bartolomeu Garelli na sacristia da igreja do *Convitto*. Ele intuiu sempre nesse fato uma indicação materna de Maria pela opção concreta de sua missão de padre. Escreverá de fato: "Este é o início do nosso Oratório, que abençoado por Deus, tomou aquele impulso que certamente não poderia então imaginar".

Este resumo cronológico dos fatos abre-nos o caminho para sublinhar alguns dados particularmente significativos que tocam os sentimentos do coração de Dom Bosco e lhe ficaram para sempre gravados na memória.

- Primeiramente *Mamãe Margarida*. Ocupa certamente um lugar bem marcante na preparação sacerdotal de João. Dela aprendeu a ser cristão, a rezar, a trabalhar, a fazer o bem a todos, a se sacrificar, a amar a praticidade, a agir sempre com o bom senso da razão e da fé. Como não lembrar os conselhos dessa mãe, sua capacidade de prescindir de possíveis vantagens que desviariam o filho do ministério, sua lição de pobreza, sua visão de doação total e sacrificial na vida do padre! Mais, ela mesma colaborará com materna dedicação no apostolado do filho, enriquecendo-o com tantos aspectos familiares. Mamãe Margarida faleceu a 25 de novembro de 1856. Dom Bosco sofreu muito e sonhou-a várias vezes: via-a "belíssima" no paraíso. Quando o P. Lemoyne leu-lhe mais tarde uma biografia, comoveu-se até às lágrimas. Que magnífica figura de mãe para a pastoral vocacional hoje!

Outro dado a ser sublinhado é o *sonho dos nove anos*. Como já acenava, na tarde de solene Missa em Castelnuovo, Dom Bosco, antes de entrar em casa, medita e chora exatamente no lugar do sonho. Considera-o certamente uma luz reveladora para a sua vocação. Quase na conclusão de seu ministério sacerdotal, em maio de 1887, por ocasião da consagração do templo do Sagrado Coração, aqui, em Roma, celebrando a Missa no altar de Maria Auxiliadora, chorou "não menos de quinze vezes". Perguntado, confessou: "Tinha diante dos olhos a cena de quando por volta dos 10 anos sonhei a Congregação. Via mesmo e ouvia minha mãe e os irmãos questionarem a respeito do sonho. Passaram desde aquele dia mais de 62 anos de trabalho, canseiras, lutas...". Foi como uma luz improvisa que lhe fez intuir em síntese a importância do sonho.

Há depois um outro elemento a ser considerado: *sua predileção ministerial pelos jovens*. Já demonstrara essa inclinação antes de ser padre. Mas depois da ordenação, nos seis meses em busca de seu lugar, vemo-lo dirigir com preferência seu

ministério aos jovens. No trabalho como vice-pároco, lembra ele mesmo, “minha delícia era dar catecismo aos meninos, estar com eles, falar com eles”. Estava sempre rodeado deles; para um bom número tornou-se “companheiro e colega”. Também em Turim, “depois de entrar no *Convitto*, encontrei - escreve - um grupo de meninos que me seguiam pelas ruas, pelas praças e mesmo na sacristia da igreja”. É exatamente aqui, naquele famoso 8 de dezembro, que viu como definido pelo alto seu destino ministerial. Esta foi sua data-símbolo, ligada à Ordenação Sacerdotal, quando ainda estava aprendendo a ser padre.

Os sentimentos do coração sacerdotal de Dom Bosco foram reavivados, ao longo de toda a vida, pela memória destes dados; eles concorreram para dar sentido e projeto histórico à sua Ordenação.

Na nossa reflexão de portadores de seu carisma

Que pensamentos pode suscitar hoje em nós a ordenação sacerdotal de Dom Bosco? Podemos escolher alguns que servem para iluminar a identidade da nossa Família Salesiana. Sabemos que é admirável e obra do Espírito Santo em enriquecer a Igreja com vários dons. O nosso carisma salesiano aparece, na história, ligado de verdade ao coração sacerdotal de Dom Bosco, àquela “caridade pastoral” que animou o seu tríplice ministério de mestre do Evangelho e de espiritualidade; de formador das consciências em direção à santidade; de agente e coordenador de comunhão para uma missão juvenil e popular.

Em primeiro lugar: *mestre do Evangelho e de espiritualidade*. A ordenação sacerdotal fez brotar no coração de Dom Bosco a “caridade pastoral” característica de uma peculiar predileção pelos jovens. Esta foi a ótica e a força dinâmica de seu serviço profético. Fez a leitura do Evangelho sobretudo à luz dos jovens, dando ori-

gem às atitudes interiores e apostólicas que hoje chamamos “espírito salesiano”.

É uma experiência de vida evangélica com peculiares características, que têm como centro motor exatamente a “caridade pastoral”, assim como foi vivida por ele como “padre”. Ele é o modelo e o inspirador para todos aqueles que o seguem, também - e são a maioria! - para os que não pertencem à ordem presbiteral. Entre os seus filhos e filhas há dois grupos principais de Religiosos: os SDB e as FMA. Por eles, a inspiração primordial de vida consagrada não olha, como início histórico, os eremitas e os anacoretas do deserto do século terceiro e quarto, mas sim aos próprios Apóstolos do Senhor, dos quais Dom Bosco “padre” é dinâmico colaborador. Na verdade o “espírito salesiano”, nascido do coração sacerdotal de Dom Bosco, move toda a sua Família a se comprometer generosamente naquela missão de salvar, que Cristo confiou aos Pastores de seu rebanho no mundo.

Em segundo lugar: *Formador das consciências em direção à santidade*. Devemos ao coração de Dom Bosco “padre” o ter dado tanta importância, no Sistema Preventivo, à formação cristã das consciências e ao uso pedagógico dos Sacramentos. Não reduziu a Penitência e a Eucaristia a simples “meios educativos”; fez delas as colunas de uma pedagogia elevada em nível de arte pastoral e de paternidade e maternidade eclesiais. Sua incansável dedicação ao ministério da reconciliação chegava a um por um, num paciente serviço de formação das consciências e de santificação que ajudava gradualmente a fazer a pessoa crescer com uma exata síntese vital entre fé e vida; e a celebração eucarística era o centro e o vértice do qual partia e ao qual tendia toda a intensa, variada e alegre atividade educativa.

É uma reflexão esta que nos interpela e estimula a relançar, de maneira renovada e genuína, a preciosa herança de seu Sistema Preventivo.

Finalmente: *agente e coordenador de comunhão para a missão juvenil e popular*. A “caridade pastoral” do seu serviço de coordenador e de inspirado organizador levou-o a ser Fundador da nossa Família. O ardor apostólico que o animava e as urgências dos sempre mais numerosos destinatários, levaram-no - com inspirações do alto - a procurar colaboradores, com variedade de empenho e de forma, para fazê-los participar do mesmo seu espírito e missão. Um padre é feito para animar e coordenar tantas pessoas, para fazê-las exercitar o sacerdócio comum, para suscitar entre os que têm boa vontade um modo coordenado e orgânico de fazer o bem. O Espírito do Senhor faz-lhe compreender que a missão juvenil e popular à qual o tinha chamado devia partilhá-la com muitas pessoas e prolongá-la no tempo. Assim ele, enquanto padre, tornou-se o nosso “patriarca”. Sua ordenação faz-nos também meditar sobre o significado de nossa mútua comunhão na Congregação e na Família Salesiana e nos convida a intensificá-la com o seu mesmo intento e com sua mesma generosidade apostólica.

Celebrando, pois, irmãos e irmãs, o sesquicentenário da ordenação sacerdotal de Dom Bosco, o nosso vivo sentimento de gratidão dirige-se a Deus e a Maria, sua Mãe, por este dom verdadeiramente precioso feito à Igreja, à juventude e à Família Salesiana. O nosso é, hoje, sobretudo um hino de louvor e de agradecimento; apresentamo-lo a Deus na intimidade da celebração eucarística, durante a qual nos sentimos representantes também dos inúmeros jovens que receberam e recebem os frutos da “caridade pastoral” brotada daquele dom.

Acrescentamos ao louvor também insistentes súplicas.

Para fazer frutificar cada vez mais os carismas desta ordenação, pedimos com insistência o aumento, em todos nós e nos jovens, daquela espiritualidade sa-

lesiana, dinamizada pela caridade pastoral, que torna possível e contínuo o não fácil caminho da educação na fé.

Peçamos, por isso, saber renovar pedagogicamente a frequência das mediações sacramentais da Reconciliação e da Eucaristia nos compromissos educativos, para incidir sobre a formação da consciência de maneira tal que “razão e religião” se unam vitalmente em mútua simbiose segundo o mistério de Cristo.

Peçamos, ainda, também luzes e auxílios para intensificar a fidelidade às origens nos vários Grupos da Família Salesiana e sua mútua comunhão, para tornar cada vez mais válidos e atuais o espírito e a missão de Dom Bosco em favor dos jovens e das classes populares. O carisma sacerdotal do Fundador desperte a nossa profecia, a nossa pedagogia e a nossa organicidade apostólica!

Sentimos, enfim, a necessidade de insistir, de maneira particular, para implorar de Deus a genuína santidade em nossos padres, melhor qualidade evangélica nos candidatos e também um maior número de vocações.

Que Maria Auxiliadora interceda e recolha estes nossos pedidos para apresentá-los a Deus.

No discurso aos sacerdotes de Turim no ano centenário da morte de Dom Bosco, João Paulo II lembrou que “sua vocação sacerdotal teve sempre como estrela polar, desde criança, Nossa Senhora, e sua eficácia ministerial e sua audácia apostólica tiveram sua profunda e autêntica raiz nesta segura confiança nela. Pela intercessão, pois, e com a ajuda da Bem-aventurada Virgem Maria, que sorri do grande quadro (de Valdocco), no qual se rodeia dos Apóstolos, os primeiros colaboradores e ministros da Nova Aliança, seja-nos concedido” fazer frutificar os carismas da Ordenação sacerdotal de S. João Bosco para a educação cristã da juventude e o incremento da fé no povo.

5.2 Bispos salesianos

Publicamos algumas notícias em relação a dois novos Bispos salesianos.

1. AGUSTÍN RADRIZZANI, Bispo de Neuquén (Argentina)

Para suceder a Dom Jaime Francisco De Nevares na direção da diocese de Neuquén, na Patagônia, o Santo Padre chamou o sacerdote salesiano *Agustín RADRIZZANI*.

Nasceu em Avellaneda, na província de Buenos Aires, a 22 de setembro de 1944. Aspirante salesiano na casa de Bernal, fez o noviciado em Morón, Buenos Aires, onde emitiu sua primeira profissão religiosa a 31 de janeiro de 1962.

Depois dos estudos filosóficos realizados em Bernal e da experiência do tirocínio prático, foi mandado para Turim-Crocetta cursar teologia. Aqui conseguiu a licença em teologia, e, no fim dos estudos, foi ordenado sacerdote a 25 de março de 1972.

De volta à Argentina, dedicou-se ao trabalho educativo e apostólico. Em 1975 era-lhe confiada a direção do Instituto "San Miguel", em La Plata, e em 1977 foi chamado a fazer parte do Conselho inspetorial.

No final do sexênio de serviço como diretor, em 1981, o Reitor-Mor com seu Conselho colocava-o na chefia da Inspeção de La Plata, como Inspetor.

Desde 1989, desenvolvia, com competência, a tarefa de mestre dos noviços e diretor, na casa "San Miguel", em La Plata, sede do noviciado interinspetorial para a Argentina e o Paraguai.

2. TARCÍSIO BERTONE, Arcebispo de Vercelli (Itália)

A 5 de junho de 1991 foi oficialmente publicada a nomeação pontifícia do nosso P. *Tarcísio BERTONE* a Arcebispo de Vercelli, no Piemonte.

Piemontês nascido em Romano Canavese, Província de Turim, a 2 de fevereiro de 1934, Tarcísio Bertone foi aluno do Oratório de Turim, onde amadureceu a vocação salesiana. Passando, depois, ao noviciado de Pinerolo, emitiu a primeira profissão religiosa a 3 de dezembro de 1950.

Depois dos estudos filosóficos e o tirocínio prático, freqüentou o curso teológico em Bollengo, onde foi ordenado sacerdote a 1º de julho de 1960. Alcançada a licença em Teologia, continuou os estudos eclesiológicos conseguindo o doutorado em Direito canônico.

Logo em seguida foi-lhe confiado o encargo de professor na Faculdade de Direito no nosso Ateneu Salesiano antes em Turim, Crocetta, e depois em Roma, para onde foi transferida a Faculdade.

Em 1974 foi nomeado Diretor da comunidade e em 1979 eleito pelos Superiores Decano da Faculdade de Direito e Conselheiro da "Delegação" da UPS.

Por vários anos trabalhou como consultor junto à Congregação para a Doutrina da Fé e junto ao Pontifício Conselho para a interpretação dos textos legítimos.

Desde 1989 era Reitor Magnífico da Universidade Pontifícia Salesiana. Chamado à sede arquidiocesana de Vercelli, sucede a Dom Albino Mensa, Bispo do qual recebeu a ordenação sacerdotal.

5.3 Irmãos falecidos (1991 - 2ª lista)

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const. 94).

NOME	LUGAR E	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P ARACKAL Thomas	Jorhat	16.05.91	63	IND
L BARDZINSKI József	Przemysl	24.03.91	83	PLS
P BERGMANS Clement	Bonheiden (Belgio)	14.03.91	79	AFC
P BIGLIA Mauro	Casale Monferrato	25.04.91	74	INE
P CABANO DOMINGUEZ Modesto	La Orotava	10.05.91	78	SCO
P CERIOTTI Giuseppe	Belluno	09.05.91	85	IVO
L CHIESA Teresio	Torino	09.03.91	71	ICE
P CORTÉS Elberto	Tunja	09.03.91	79	COB
L D'ANDREA Ernesto	Pordenone	11.03.91	83	IVE
L DARDANELLI Francesco	Varazze	18.03.91	68	ILT
P de MELO Genário	Recife	06.06.91	58	BRE
P DE ROSSO Enrique	La Plata	26.03.91	65	ALP
P DI MODUGNO Francesco	Mar del Plata	12.04.91	97	ALP
P DUDUS Wieslaw	Zakopane	14.04.91	65	PLS
P EVARISTO Julio	Évora	08.03.91	66	POR
P FELTRIN Alessandro	Mogliano Veneto	01.04.91	81	IVE
P FISTAROL Virginio	Brasília	19.03.91	81	BBH
<i>Foi inspetor por 6 anos</i>				
P FRANCELLA Osvaldo	Bahía Blanca	11.06.91	76	ABB
P FRANÇOIS Léon	Esneux	31.03.91	70	BES
L GABUSI Angelo	Arese	21.03.91	82	ILE
P GANDINI Juan Antonio	Tucumán	22.05.91	86	ACO
P GERMANO Guerrino	Torino	10.05.91	75	ISU
P GIACOMETTO Luigi	Asti	10.03.91	92	INE
P GOMEZ MEDINA Miguel	Cadiz	23.05.91	90	SSE
P GRANADOS RUIZ Francisco	Santiago de Chile	05.06.91	71	CIL
P HEERE Koos	Nijmegen	31.05.91	61	OLA
P HERNANDEZ LOPEZ José Miguel	Caracas	11.03.91	66	VEN
P HERNANDO GARCIA Emilio	La Plata	07.04.91	77	ALP
<i>Foi inspetor por 6 anos</i>				

NOME	LUGAR E	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P IGLESIAS Eduardo	Montivideo	14.03.91	71	URU
L KLODA Piotr	Oswiecim	06.03.91	83	PLS
P LAPTALO Stefano	Torino	17.04.91	75	ISU
P LATTUCA Giuseppe	Melbourne	06.06.91	51	AUL
P LITZ Karl	Pfaffenhofen	11.05.91	78	GEM
P MAGYAR István	Székesfehérvár	07.04.91	83	UNG
P MASSIMINO Luigi	Hong Kong	09.03.91	84	CIN
<i>Foi inspetor por 6 anos</i>				
P MISQUITTA Oscar	Bombay	09.03.91	76	INB
P MONTEN Mathieu	Liège	08.06.91	81	BES
L MORENO MANCILLA Miguel	Cadiz	28.02.91	90	SSE
P ORÓSTEGUI Rafael	Bogotá	10.03.91	55	COB
P PARODI Pedro	San Isidro	08.04.91	80	ABA
P PASCUAL Amílcar	Montevideo	08.05.91	81	URU
<i>Foi inspetor por 10 anos</i>				
P RAPISARDA Antonino	San Gregorio di Catania	05.05.91	90	ISI
P RASSIGA Giuseppe	Cairo	02.04.91	77	MOR
L REY ADUA Jorge	Barcelona	21.03.91	61	SBA
L ROBALDO Pietro	Torino	26.04.91	83	ISU
L ROJAS FERNANDEZ Rafael	Cartago	28.02.91	66	CA
P SANCHEZ GARCIA Gabino	Sevilla	06.04.91	77	SSE
P SANTAS PAREDES Joaquín	La Coruña	13.04.91	64	SLE
P SIKORA Jan	Gdynia	12.05.91	62	PLO
P SPADA Francesco	Valperga	22.05.91	79	ISU
P SZOLLAR Lajos	Wien	25.02.91	75	AUS
L TURCHETTA Tommaso	Pontecorvo	11.04.91	76	IME
P VREYS Albert	Hechtel	18.03.91	73	BEN
P WASZUT Jan	Kraków	22.03.91	55	PLO
P WRANGHAM Harold	Macclesfield	19.04.91	85	GBR



Composto e Impresso pelas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS

Rua Dom Bosco, 441 - Fone: 277-3211
03105 - Mooca - São Paulo - SP